



## **ARQUIVO GUERRA DAS BARATAS**

Novelização de Les Martin

Baseada na série de TV Arquivo X

Criado por Chris Carter

Adaptação do roteiro de Darin Morgan

Tradução de José A. Ceschin



Título original: The X-Files — Die, Bug Die  
Twentieth Century Fox Corporation, 1997

Arquivo X: A guerra das baratas / Les Martin;  
Tradução de José A. Ceschin.

"Baseado no roteiro e série de TV, Arquivo X criado por Chris Carter".

Em memória de Brett,  
o fabuloso felino.

## Capítulo 1

O homem arregalou os olhos para a barata. A barata arregalou seus olhos para o homem — e tratou de correr em busca de abrigo. Mas o homem era rápido demais. Sua mão levantou-se no ar e agarrou a barata que havia partido em disparada, pela parede de cimento do porão.

O homem levantou a barata prendendo-a entre o polegar e o dedo indicador da mão direita. O inseto agitou desesperadamente as antenas, no ar.

— Veja a poderosa barata — disse o homem. Ele mais parecia um professor, explicando carinhosamente aos seus alunos a sua matéria predileta. Ele também tinha a aparência de professor, com sua camisa branca e uma gravata fina e preta calças escuras e sapatos pretos muito bem polidos. No entanto, nas costas de sua camisa, havia o desenho de uma barata. Embaixo do desenho, grandes e brilhantes letras vermelhas diziam: DR. BUGGER - EXTERMINADOR. O Dr. Bugger era especialista em livrar as residências de insetos, e ele adorava seu trabalho.

— As baratas já vivem na Terra há muito mais tempo do que nós, os humanos —, informou o Dr. Bugger ao homem que o havia contratado, Jeff Eckerle. Eckerle também tinha o título de Doutor, embora a única coisa que procurasse curar fosse o meio ambiente.

Estava trabalhando em um projeto cuja meta era produzir combustível artificial, totalmente não poluente. Era um verdadeiro gênio no laboratório. Mas, naquele instante, de olhos arregalados para a barata que o Dr. Bugger havia agarrado, o que ele estava mesmo era muito nervoso.

— Os cientistas acreditam que as baratas tenham surgido em nosso planeta há mais ou menos trezentos e cinquenta milhões de anos — continuou o Dr. Bugger. — Hoje elas podem ser encontradas em toda parte, desde os trópicos até o Ártico. Existem mais de quatro mil espécies conhecidas desses insetos, e esse número continua crescendo. Em um ano, uma única fêmea pode produzir mais de meio milhão de filhotes.

O Dr. Bugger olhou com uma expressão de afeição para a barata que se debatia desesperadamente entre seus dedos. Então, continuou falando:

— Não existe coisa alguma que nos permita acabar de uma vez com estes bichos. Eles conseguem adaptar-se, com a maior facilidade, a qualquer tipo de veneno. Nem mesmo a radiação atômica nos permite exterminar as baratas. Em termos de sobrevivência, elas são criaturas quase perfeitas. Mas é claro, isso é tudo que elas são — simples criaturas. Elas sabem como procurar comida. E também sabem como livrar-se do perigo. Mas, ao contrário de nós, os seres humanos, as baratas não são capazes de pensar.

— Graças a Deus por isso — disse o Dr. Eckerle. Seus olhos de uma tonalidade azul clara estavam fixos na barata. Seu rosto pálido estava ainda mais pálido do que o normal.

— Isso mesmo — disse o Dr. Bugger — Em comparação com as baratas, nós somos semelhantes a deuses. E também podemos agir como verdadeiros deuses.

Dizendo isso, o Dr. Bugger deixou a barata cair sobre o piso de concreto. Antes que o inseto conseguisse se mexer, o Dr. Bugger pisou sobre ele. Com o estalido do exoesqueleto da barata, o Dr. Eckerle fechou os olhos e fez uma expressão de nojo.

— Credo! — disse ele, olhando para os restos do inseto. — Tem certeza de que ela está morta?

— Como uma pedra — garantiu-lhe o Dr. Bugger.

— Já ouvi dizer que mesmo que lhe arranquemos a cabeça a barata ainda consegue continuar vivendo — disse o Dr. Eckerle, ainda nervoso. — Acabam morrendo porque, sem cabeça, não conseguem mais se alimentar.

O Dr. Bugger encolheu os ombros e disse:

— Ouça, amigo, não sei de nada sobre essas coisas técnicas. Só estou aqui para

matá-las.

— E foi por isso que o contratei — disse o Dr. Eckerle, olhando enojado para a barata esmagada no chão.

— Então fique olhando enquanto eu trabalho — disse o Dr. Bugger. — Vou resolver o assunto em três tempos.

O Dr. Bugger abaixou-se e apanhou uma lata de spray. E imediatamente começou a lançar o pesticida nas rachaduras da parede.

— Achei que hoje em dia a técnica seria de congelar as baratas até a morte — disse o Dr. Eckerle.

— Congelar? E onde estaria a diversão se eu fizesse isso? — perguntou o Dr. Bugger. — Hoje em dia nós temos um produto químico que cresce como um fungo. Esse produto não apenas elimina as baratas, mas espalha-se por qualquer outra barata que entre em contato com a primeira a ser infectada. Desse modo, são os próprios insetos que fazem todo o trabalho.

— O importante é elas desaparecerem — disse o Dr. Eckerle. — Se o senhor não se importa, eu acho que não vou ficar para assistir.

— Tenho nojo desses insetos. — Encolhendo os ombros, ele se dirigiu para as escadas e subiu.

O exterminador estava rindo quando começou seu trabalho.

De repente, o sorriso desapareceu de seus lábios. Ele arregalou os olhos para a barata que estava na parede, bem à frente de seu rosto. A barata não fez nenhum gesto no sentido de sair correndo. Na verdade, parecia estar olhando para o Dr. Bugger com uma expressão de desafio, como se o estivesse desafiando a tentar matá-la.

— Mas será possível, sua arrogantezinha de uma figa... — rosnou Dr. Bugger, ao mesmo tempo em que lançava um jato de inseticida. O produto químico bateu bem no alvo.

Mas o inseto não perdeu a força e não caiu da parede. Na verdade, não parecia ter sido afetado pelo pesticida. Mas tinha jeito de haver ficado muito irritado. Pelo menos não parecia ser de felicidade o som estridente que a barata fez.

— Acho que vou ter de encontrar um inseticida mais forte — disse o Dr. Bugger. — Mas até que eu o encontre... Com a ponta metálica do seu pulverizador ele derrubou a barata da parede. Depois levantou o pé e o baixou de uma vez, esmagando o inseto.

— Quando nada mais produz resultado, o jeito é partir para uma ação direta — disse ele. E tornou a levantar o pé, ficando de queixo caído, arregalou os olhos,

observando o inseto que fugia para se esconder, como se nada lhe tivesse acontecido.

— Ah, não vai não... — disse o Dr. Bugger. Correndo a toda velocidade, ele saiu à caça do inseto, antes que pudesse se esconder.

Dessa vez pisou-o com toda a sua força.

— Aaiii! — gritou ele. Era como se um prego tivesse entrado pela sola de seu sapato. Chegou a ficar cego de dor. Com uma careta de sofrimento, ele tentou desvencilhar-se da barata. Queria voltar ao seu trabalho. Olhou bem para as rachaduras na parede, procurando por mais baratas.

Conseguiu vê-las. Imperturbáveis, os insetos olhavam de volta para ele, do mesmo modo como havia feito aquela outra.

E viram o corpo dele cambalear para trás, deixando cair o pulverizador. Viram-no agarrar o próprio peito e, finalmente, seu corpo cair pesadamente contra uma parede.

Com os olhos escurecidos pela agonia, ele viu as antenas dos insetos balançando lentamente no ar. Era como se as baratas estivessem acenando um adeus.

Foi essa a última coisa que ele viu. Para sempre.

Seu corpo não fez mais qualquer movimento, quando as baratas desceram das paredes e começaram a rastejar sobre ele.

Os insetos não se perturbaram nem um pouco quando o Dr. Eckerle desceu pelas escadas, dizendo:

— Sabe, eu havia me esquecido de dizer que encontrei uma barata no...

Elas nem ao menos reagiram quando ele começou a gritar.

## Capítulo 2

O agente especial do FBI, Fox Mulder, estava sentado sozinho em seu carro, olhando através do pára-brisa, para o céu noturno. Estava estacionado em uma estrada regional da Nova Inglaterra. Era uma noite limpa, sem sinal algum de poluição no ar. O céu estava pontilhado de estrelas. Algumas brilhavam sozinhas. Outras formavam verdadeiras nuvens de luz. Era um maravilhoso espetáculo da natureza. Mulder adorava aquilo. De repente, ele fez uma careta.

Uma pequena bolha negra apareceu no pára-brisa, trazendo seus pensamentos de volta para a terra. Outra bolha escura apareceu ao lado da primeira. Depois, mais uma.

Mulder olhou irritado para o vidro.

— Insetos — falou ele, ligando os limpadores de pára-brisa. Seus pensamentos foram interrompidos de novo, quando o telefone celular tocou em seu bolso.

Irritado por ter tido sua atenção desviada do esplendor daquela noite maravilhosa, Mulder desligou os limpadores de pára-brisa e apanhou o telefone.

Era sua colega do FBI, a agente especial Dana Scully, que estava do outro lado da linha.

— Mulder, fiquei o dia inteiro procurando falar com você — disse ela — Por onde é que andou?

— O prédio onde moro está sendo dedetizado — respondeu Mulder. — Então achei que seria bom viajar este fim de semana. E vim dar um passeio em Massachusetts.

— Foi visitar sua mãe? — perguntou Scully.

— Não — respondeu Mulder. — Só estou sentado aqui, pensando.

— Oh! Apenas sentado e pensando? — disse Scully. Mulder percebeu que ela não estava acreditando muito no que ouvia.

— Só estou sentado aqui, pensando — repetiu Mulder. — E você, o que está fazendo?

— Limpando minha arma, — disse Scully com a maior naturalidade. Ela fez uma pausa para limpar as mãos em uma flanela, antes de continuar — E então, Mulder. Posso perguntar em que você está pensando? Alguma coisa especial?

— Recebi informações a respeito de vários relatos sobre luzes coloridas e não identificadas, que estariam pairando no céu por aqui ontem à noite — admitiu Mulder.

— Então você só está sentado aí, pensando, — disse Scully.

— Talvez esteja também aproveitando para examinar cuidadosamente cada centímetro do céu.

— Scully, eu sei que isso não combina com o seu gosto, — disse Mulder. — Mas nunca olhou para o céu e ficou imaginando que deve haver alguma coisa lá em cima? De que essa coisa estaria olhando para você, nesse mesmo instante? Que a coisa poderia estar tão curiosa a seu respeito como você está sobre ela?

— Mulder, já conversamos a respeito disso antes — disse Scully, suspirando fundo. — Foi um acidente químico puramente ocasional que criou a vida na Terra. Foi o mais acidental dos acasos biológicos que produziu a complexa inteligência que nós, os seres humanos, possuímos. As probabilidades de não existirem formas de vida alienígena são tão grandes como o céu para o qual você está olhando neste momento. Isso vai

totalmente contra as teorias formuladas por Darwin...

— Só está aí limpando sua arma, não é? — perguntou Mulder, em uma tentativa de mudar de assunto. Ele não estava com vontade de voltar a entrar naquela velha discussão com ela. Ainda queria olhar muito para as estrelas naquela noite. Mesmo enquanto conversava com Scully, seus olhos voltavam a se concentrar no céu, como se estivessem sendo atraídos por um ímã.

Scully deixou escapar um suspiro de irritação.

— Algum dia você ainda vai dar ouvidos à razão —, disse ela, como quem não tem muita esperança.

— Entendo o que você está dizendo Scully, — disse Mulder. — Mas, mesmo assim, preciso continuar olhando. Percebendo que outros insetos haviam caído sobre o vidro, ele voltou a ligar os limpadores de pára-brisa.

— Mas não olhe muito — avisou Scully. — Pode acabar não gostando do que encontrar.

— Não foi isso que o Dr. Zaius disse a Charlton Heston, nas cenas finais de O Planeta dos Macacos? — perguntou Mulder.

— Isso mesmo — respondeu Scully. — E você viu o que aconteceu?

Mulder havia acabado de abrir a boca para responder, quando uma luz muito forte e brilhante pareceu explodir sobre o pára-brisa.

Demorou alguns instantes até que Mulder conseguisse falar.

Então, a única coisa que conseguiu dizer foi:

— Scully, tenho de desligar.

— Mulder, o que aconteceu? — perguntou ela, manifestando uma repentina preocupação.

Mas a única coisa que ouviu foi o barulho do telefone sendo desligado.

— Mulder? — chamou ela de novo. Mas a linha estava morta.

### **Capítulo 3**

Quase cego devido ao repentino clarão de luz, Mulder guardou o telefone celular e procurou com a mão a coronha do revólver que trazia no coldre. Então, relaxou os nervos quando seus olhos se adaptaram ao forte clarão e ele viu um policial segurando a

lanterna de brilho intenso. Os limpadores de pára-brisa dançaram de um lado para o outro, na frente dos olhos quase fechados do policial que olhava para Mulder através do vidro.

O policial aproximou-se da porta do lado esquerdo do carro, com a luz ainda focalizada sobre Mulder.

— Como vai? — perguntou ele. Tinha uma voz macia e calma.

Mas o olhar que deu para Mulder era bastante duro.

— Tudo bem, policial —, respondeu Mulder.

O homem continuou olhando firme para Mulder. — O que está fazendo?

— Sentado aqui, pensando —, respondeu Mulder.

— Sentado, pensando e conversando ao telefone? — perguntou o policial.

— Isso mesmo, senhor —, respondeu Mulder.

— Por acaso não estaria planejando fazer alguma coisa ilegal? — perguntou o homem. — Quero ver sua identidade, moço.

Mulder encolheu os ombros e entregou ao policial sua carteira de identificação do FBI.

O policial dirigiu o foco da lanterna para a foto da carteira. E voltou a iluminar o rosto de Mulder. Então, tornou a olhar com todo o cuidado para o crachá e a insígnia de Mulder.

Finalmente, ele disse:

— Agente especial Fox Mulder?

— Eu mesmo — disse Mulder.

— Sou o xerife Vince Frass — disse o policial, mostrando-se mais relaxado. — Desculpe pela amolação, — disse ele.

— Acontece que não é comum encontrar muitos estranhos parados com o carro em estradas secundárias como esta. E menos ainda agentes do Bureau. Por acaso está investigando algum caso?

— Fui informado de que várias pessoas relataram ter visto ÓVNIs por aqui ontem à noite — disse Mulder. — Por acaso o senhor viu alguma coisa?

— Pessoalmente não —, respondeu o xerife. — Mas recebemos muitos telefonemas. Esse tipo de coisa sempre acontece em grandes ondas. Uma pessoa tem uma alucinação e a doença se espalha como verdadeira epidemia.

— Mais algum telefonema esta noite? — perguntou Mulder.

— Não senhor — respondeu o xerife. E coçou a cabeça.

— Eu não sabia que o FBI investigava esse tipo de coisa.

— Na verdade não investiga — respondeu Mulder.

O xerife Frass tornou a olhar com cuidado para o cartão de identidade. E olhou de novo para Mulder.

— Desculpe-me por parecer indiscreto — disse Frass. — Mas por que está sentado aqui, com os limpadores de pára-brisa ligados?

Mulder desligou os limpadores. E respondeu:

— Estava apenas me livrando de alguns insetos que caíram sobre o pára-brisa. É impressionante a quantidade desses bichinhos que há por aqui.

Quando ouviu a palavra insetos, a mão do xerife desceu rapidamente para a coronha de seu revólver, guardado no coldre. Era como se um alarme houvesse tocado de repente.

— Insetos? — perguntou Frass. — Está falando de baratas?

Mulder encolheu os ombros.

— Talvez. Ou poderiam ser besouros. Não dá para ver direito. E na verdade não entendo muito de insetos.

Frass parecia estar a ponto de fazer novas perguntas. Mas, antes que pudesse abrir a boca, ouviu-se o barulho de um aparelho de rádio. Frass voltou-se rapidamente, e o fecho de sua lanterna iluminou o carro de patrulha, estacionado um pouco adiante, na estrada escura.

— Volto em um instante, — disse ele a Mulder, correndo para seu carro. Ele corria bastante, para um homem cuja barriga tombava por cima do cinturão.

Alguns momentos depois acendiam-se os faróis do carro de patrulha, e o motor dava partida, roncando forte. O carro veio pela estrada, na direção do lugar onde Mulder estava estacionado.

O policial parou seu veículo ao lado de Mulder.

O xerife enfiou a cabeça pela janela aberta do seu carro.

— Desculpe pela amolação, senhor —, disse ele — devolvendo a Mulder a sua identidade. — Agora eu preciso ir.

— O que aconteceu? — perguntou Mulder. O xerife respondeu com uma voz austera:

— Outro ataque das baratas.

— Outro... o quê? — perguntou Mulder.

Mas o xerife já havia acelerado e estava indo embora.

No mesmo instante Mulder deu partida ao seu carro. Acelerando até o fundo, ele fez o

carro virar no meio da estrada e foi atrás do xerife.

## Capítulo 4

Parado na escada da frente de uma residência de subúrbio, Mulder resolveu que teria de descobrir tudo o que pudesse a respeito daqueles ataques das baratas, antes de telefonar para Scully. Ele havia seguido o carro do xerife Frass até aquela casa. O xerife não se havia importado muito em ver o carro de Mulder segui-lo até ali. Na verdade, mostrava-se até contente pelo fato de ter um agente especial do FBI ao alcance de sua mão.

— Ficarei agradecido por toda ajuda que puder me prestar aqui — disse o xerife. — Desculpe a expressão, mas estes incidentes estão me deixando tão perdido como uma barata tonta...

Mulder seguiu o xerife, e eles passaram por dois policiais que estavam de guarda na porta. Lá dentro eles foram recebidos por um homem de rosto pálido, cujos olhos piscavam muito.

— Sou o Dr. Eckerle — disse ele.

— Por acaso é o novo médico legista? — perguntou o xerife. — Onde está o Dr. Newton?

— Não, eu sou químico — respondeu o Dr. Eckerle. — Sou o morador desta casa. O Dr. Newton está lá embaixo, no porão, examinando o cadáver. Eu não queria ficar mais tempo lá. Já não gosto nada de insetos. E esses bichos, então... credo!

— Insetos? — perguntou o xerife de repente. — Por acaso está falando de baratas?

O Dr. Eckerle engoliu em seco e assentiu, com um gesto da cabeça.

— Como é que se desce para o porão? — perguntou o xerife.

— Por aqui — respondeu o Dr. Eckerle, levando-os até a porta que dava para as escadas do porão. — Vai querer que eu desça com vocês? Na verdade eu preferia não ir. Eles ainda estão lá embaixo.

— Eles? — perguntou Mulder.

— Os insetos — respondeu o Dr. Eckerle, com um calafrio. — Estavam caminhando por todo o corpo do exterminador, quando eu desci lá. Quando elas me viram

trataram de correr para se esconder. Mas não me pareciam estar assustadas. Era como se já tivessem tido suficiente diversão por um dia. Foi simplesmente horrível.

— Não se preocupe — disse o xerife, acariciando a coronha do revólver que estava em seu cinturão. — Temos suficiente poder de fogo para cuidar bem delas. Mas vamos precisar que o senhor responda a algumas perguntas.

Com bastante relutância, o Dr. Eckerle seguiu o xerife e Mulder pelas escadas.

Lá embaixo eles encontraram o Dr. Newton, um homem de uns quarenta anos de idade, calvo, usando um par de óculos sem aros. Ao lado dele estavam dois assistentes, realizando uma série de exames no cadáver caído sobre o piso de concreto.

O Dr. Eckerle procurou ficar o mais longe possível, enquanto o xerife e Mulder olhavam para o homem morto. Seu corpo não mostrava sinais de violência, a não ser pela expressão de puro terror que estava estampada em sua face.

Mulder limitou-se a ficar ouvindo, enquanto o xerife e o médico legista discutiam as particularidades do caso. Depois de alguns minutos, ele já ouvira o suficiente para decidir-se a tirar o telefone celular do bolso do casaco. Scully atendeu ao primeiro toque.

— Acho que é melhor você vir até aqui — disse Mulder. — O que está acontecendo? — perguntou ela.

— Parece que baratas estão atacando e matando pessoas por aqui — respondeu Mulder.

— Mulder — disse Scully — não vou perguntar se você disse o que eu acho que acaba de dizer. Porque eu sei muito bem o que foi que você disse.

— Scully — disse Mulder — estou ajoelhado bem ao lado do cadáver de um exterminador de insetos. Quando descobriram o corpo ele estava coberto de baratas. O xerife daqui da cidade disse que outros dois cadáveres já foram encontrados esta tarde, ambos em condições semelhantes.

— Pode me dizer exatamente onde está, em Massachusetts? — perguntou Scully.

— Uma pequena cidade chamada Miller's Grove — respondeu Mulder. — Fica perto de uma grande universidade e de algumas empresas de alta tecnologia, o que equivale a dizer que aqui moram muitos cientistas. Os outros ataques das baratas foram contra um biólogo molecular e um físico. Uma testemunha do ataque mais recente é um químico que está fazendo trabalho de pesquisa, em busca de um combustível alternativo. As informações estão sendo dadas por pessoas especializadas em observações visuais muito precisas.

Atrás dele, Mulder ouviu o Dr. Eckerle dizendo ao xerife:

— A imagem dessas baratas está bem gravada em minha mente. Eu posso vê-las sempre que fecho os olhos.

— Então procure não fechar os olhos — avisou o xerife.

— E como é que vou dormir? — perguntou o Dr. Eckerle. — E onde? Claro que não pretendo passar a noite aqui. Na verdade, vou colocar minha casa à venda assim que for possível... embora eu ache que não vai aparecer comprador algum, assim que as notícias forem divulgadas.

— É melhor ficar em um hotel, até resolvermos este assunto — disse o xerife, sem muita convicção.

— Acha mesmo que vão conseguir resolver isto? — perguntou o Dr. Eckerle. Não parecia ter muita certeza.

— Claro que vamos. E esse o nosso trabalho —, respondeu o xerife. Não parecia estar muito confiante.

Enquanto isso, Scully estava perguntando ao telefone:

— O cadáver tem marcas de picadas dos insetos?

— Picadas de insetos? — perguntou Mulder, olhando para o Dr. Newton.

O legista balançou a cabeça com firmeza, dizendo que não.

— Nenhuma picada — disse Mulder a Scully.

— Mulder, milhões de pessoas são bastante alérgicas às baratas — explicou Scully. Havia ocasiões em que os seus estudos de Medicina lhe valiam muito em seu trabalho. E essa era uma delas. — Esse tipo de alergia pode ser mortal.

— Quer dizer que a pessoa pode morrer depois de um mero contato com uma barata? — perguntou Mulder.

— Sim, se essa pessoa for suficientemente alérgica —, afirmou Scully. — Seu corpo pode entrar em choque anafilático.

— Choque anafilático? — perguntou Mulder, repetindo a expressão que desconhecia.

Quando o Dr. Newton ouviu aquelas palavras, balançou vigorosamente a cabeça.

— Muitas reações desse tipo ocorrem em pessoas que entram em contato freqüente com baratas — disse Scully — É uma coisa que faz aumentar perigosamente a sensibilidade delas. No meio desse grupo de alto risco encontra-se uma grande percentagem de exterminadores profissionais. Acho que isso basta para explicar o pequeno mistério que você encontrou.

— Bem, vou dar uma olhada por aqui — disse Mulder. Mas não parecia estar completamente satisfeito com as explicações dela.

— Claro que, se você não concordar com o que estou dizendo, posso dar um pulo até aí.

— Não — disse Mulder, disfarçando um suspiro. — Tenho certeza de que você sabe o que está dizendo. Obrigado, Scully. Vejo você quando voltar a Washington. Até amanhã.

— Até amanhã — respondeu Scully. Mulder desligou o telefone.

— Com quem estava falando? — perguntou o xerife.

— Minha parceira, ela é uma fonte de informações científicas — respondeu Mulder.

— Fornece todas as informações de que precisa, não? — perguntou o xerife.

— Sim, e além disso, faz com que eu volte a pôr os pés no chão — respondeu Mulder.

## Capítulo 5

Alice Wong foi a primeira jovem de seu colégio a ser convidada para fazer parte do Clube de Ciências Albert Steiner. Na verdade, o clube só possuía dois outros membros, isto é, Albert e seu melhor amigo, Jason Smith. Também era verdade que ninguém mais sabia a respeito do clube, exceto Albert, Jason e, agora, Alice. Mesmo assim, Alice considerava o convite como uma espécie de honraria. Fosse como fosse, era bom saber que alguém reconhecia que uma menina podia ser tão cientista como qualquer menino.

Agora ela estava recebendo uma honraria ainda maior. Albert e Jason estavam deixando que ela visitasse o laboratório particular de Albert. Ficava na casa de Albert.

No entanto, Alice tinha algumas suspeitas. Por acaso estariam Albert e Jason planejando fazer com que ela passasse por algum tipo de cerimônia de iniciação no clube? Alice disse a si mesma para manter-se calma. De modo algum, ela deixaria aqueles rapazes a assustarem.

— Vão ficar muito interessados no meu projeto mais recente —, disse Albert a Alice e Jason, enquanto abria o cadeado que trancava a porta do sótão. Seus olhos brilhavam atrás dos óculos de armação preta. A expressão de seu rosto fazia Alice

lembrar-se do Dr. Frankenstein, quando se preparava para dar vida a seu monstro.

Albert abriu a porta e foi à frente subindo as escadas. Os olhos de Alice arregalaram-se quando eles chegaram ao sótão. O aposento estava cheio de equipamentos. Alice viu microscópios, lâminas de vidro, tubos de ensaio e vidros e mais vidros cheios de produtos químicos, sem falar nos ratinhos brancos que corriam de um lado para outro em suas gaiolas.

— Legal, não é mesmo? — perguntou Albert, orgulhoso.

— Legal — concordou Alice embora tentasse adivinhar quantos anos fazia que aquele lugar não via sinal de limpeza. Estava claro que Albert não se preocupava muito com as condições de esterilidade de seu laboratório.

— Então, em que você está trabalhando agora? — perguntou Jason. — Vem fazendo o maior segredo a respeito...

— Eu queria aperfeiçoar os resultados do meu trabalho antes de revelar tudo ao mundo — disse Albert.

Alice e Jason ficaram observando, enquanto Albert derramava cristais químicos dentro de um tubo de ensaio. Então, preparou-se para derramar uma solução de ácido sobre os cristais.

— Essa coisa não vai explodir nem nada, vai? — perguntou Alice, meio assustada.

— É verdade. Eu ouvi falar da sua experiência mais recente — disse Jason. — Meu pai disse a seu pai que teria de aumentar o valor do seguro da casa de vocês.

Albert encolheu os ombros e disse:

— Sem sofrimento não pode haver recompensa.

Ele derramou o ácido. O líquido atingiu os cristais. Uma fumaça cor de rosa ergueu-se pela boca do tubo de ensaio. Todo o sótão ficou cheio de fumaça em uma questão de poucos minutos.

— Podem me dizer exatamente qual o cheiro que tem? — perguntou Albert

Alice cheirou o ar e disse:

— Bem, tem uma espécie de cheiro adocicado, mais ou menos parecido com... com...

— Tem exatamente o cheiro de rosas —, anunciou Albert, com um ar triunfante.

— Mas para que serve isso? — perguntou Jason.

— Não estou preocupado com isso — respondeu Albert — Sou apenas um cientista, e não homem de negócios. — Bem, não estou muito certo sobre isto. Eu acho

que... — começou a dizer Jason. Mas fez uma pausa com uma expressão de quem está irritado.

— Qual é o problema? — perguntou Alice.

— Meu braço. Estou começando a sentir uma coceira horrível, — disse Jason, começando a coçar-se.

— Talvez você seja alérgico à fumaça — sugeriu Alice.

— Humm, possível reação alérgica — disse Albert, apanhando um pequeno caderno de notas e escrevendo algumas linhas. — Talvez ainda seja preciso resolver alguns pequenos problemas.

Suas sobrancelhas se fecharam enquanto ele olhava para as anotações e se pôs a pensar.

Então sua cabeça deu um puxão para cima, quando Jason gritou.

Jason estava olhando para o braço.

— Tira isso daqui! — gritou ele.

Alice deu uma olhada para o braço de Jason e tentou evitar que seu estômago se revirasse.

Fique fria, fique fria, isso não pode ser real. Deve ser algum tipo de truque, disse ela a si mesma.

Mas ouviu sua própria voz dizendo:

— Ahhh! Acho que vou vomitar!

— Humm — disse Albert, com uma expressão bem científica. — Interessante. Nunca vi nada parecido com isso. Em geral elas só procuram por migalhas de pão e coisas desse tipo. Uma enorme barata estava abrindo caminho para entrar pela pele do antebraço de Jason enquanto o menino se limitava a olhar, com os olhos arregalados de horror.

— Não fique histérico — disse Albert a Jason. — Vamos tentar pegá-la viva. Assim poderemos estudá-la.

Mas Jason não estava ouvindo. Desesperadamente ele continuava coçando a pele, tentando puxar a barata para fora. Mas já era tarde demais. O inseto havia conseguido enfiar-se por baixo da pele dele. Dava para ver o calombo no braço do menino, enquanto o inseto ia rastejando por baixo da pele, para a parte de cima do braço.

— Aaaaa! — gritou ele, quando sentiu coceira no outro pulso. E deu outro grito, quando viu outra barata enfiando-se por baixo da sua pele: — Nãoooo! — gritou ele quando via outra barata penetrando ali.

Antes que os dois amigos conseguissem fazê-lo parar, ele agarrou um estilete que estava sobre a mesa. E começou a acutilar o calombo que se movia em seu braço.

— Pare com isso! Vai se machucar todo! — gritou Alice, agarrando-o pelo braço. Mas Jason deu-lhe um empurrão e a afastou para longe, enquanto continuava se cortando com o estilete, decidido a remover os insetos de baixo de sua pele.

— Ei, cara, fique frio, — disse Albert, atingindo Jason com um bastão e derrubando-o ao chão.

Alice saltou para cima de Jason e agarrou-o pela mão que segurava o estilete, empurrando-a contra o chão com todo o seu peso, ao mesmo tempo em que ele tentava libertar-se.

Juntos, Albert e Alice tentaram tomar a lâmina de Jason, para impedir que ele se cortasse todo em pedaços.

Mas já era tarde demais.

## Capítulo 6

Isso vai acabar com vocês... seus insetos malvados — resmungou Scully. Com uma das mãos ela segurava a vítima dos ataques dos insetos, que se debatia com insistência. Na outra mão ela segurava uma lata de spray. No rótulo estava a marca do produto: MORRA, PULGA, MORRA!

— Isto é para seu próprio bem. Você vai sentir-se muito melhor quando tudo acabar, — disse ela ao seu cachorrinho Queequeg, que continuava se debatendo, enquanto ela fazia de tudo para evitar que o animal saltasse de dentro da pia da cozinha. Esfregando vigorosamente ela fez o xampu transformar-se em uma espuma espessa, sobre o rico pêlo do cachorro.

Então o telefone tocou.

— Fique aí, Queequeg! — ordenou ela ao animal, enquanto ia para o outro lado da cozinha atender ao telefone. Com o canto do olho ela viu Queequeg saltar da pia e correr em busca de um lugar onde poderia esconder-se. E ela pensou: Grande coisa a escola de disciplina de cães para onde o mandei. E apanhou o receptor do telefone, dizendo: — Alô.

— Scully, sou eu —, disse a voz de Mulder do outro lado da linha.

— Olha, Mulder, estou fazendo uma coisa muito importante neste momento — disse Scully.

— Eu também — respondeu Mulder.

— Não me venha de novo com aquela história de baratas assassinas — disse Scully, suspirando. — Pensei que você já havia esquecido tudo aquilo.

— Scully, eu mudei de idéia — disse Mulder — Acho que é melhor você vir até aqui.

Scully fez uma careta e, depois de uma breve pausa, perguntou:

— Está me dizendo que houve outro ataque das baratas? Ou melhor, você acha que houve outro ataque?

— Estou agachado ao lado do corpo sem vida de um adolescente chamado Jason Smith — explicou Mulder. — Comigo estão o médico legista da cidade, o Dr. Newton, e a polícia local. Já procedemos ao interrogatório preliminar de dois outros adolescentes, um menino e uma menina, que testemunharam o incidente. Eles estavam ligeiramente histéricos quando chegamos, mas já se acalmaram o bastante para nos contar como tudo aconteceu. Scully, neste caso não se tratou de nenhuma reação alérgica às baratas. Ambas as testemunhas afirmam que a vítima estava gritando e dizendo que as baratas estavam fazendo buracos na pele dele.

— Bem, antes de tomarmos conclusões apressadas e de eu me apressar para tomar o avião, acho melhor analisar todos os fatos, certo? — perguntou Scully.

— Certo — respondeu Mulder.

— Por acaso os insetos ainda se encontram no corpo da vítima? — perguntou Scully.

— Não encontramos nenhum deles — admitiu Mulder. — Mas o cadáver está coberto de ferimentos.

— Ferimentos feitos pelas baratas? — perguntou Scully.

— A vítima usou um estilete para tentar tirar os insetos de baixo de sua pele — disse Mulder. — Mas ainda não temos certeza de que todos os ferimentos teriam sido feitos pelo estilete... exceto no caso das artérias cortadas.

— Por acaso está me dizendo que as artérias foram cortadas pela própria vítima? — perguntou Scully.

— Tudo parece indicar que sim — respondeu Mulder.

— E foram as artérias cortadas que acabaram causando sua morte — disse

Scully.

— É esta a opinião do médico legista — explicou Mulder. — Mas isso não invalida totalmente a possibilidade de um ataque das baratas. Afinal, ainda temos as declarações das testemunhas, os dois amigos da vítima.

— Mulder, onde foi que teve lugar este incidente? — perguntou Scully.

— No sótão da casa de um dos outros dois adolescentes — informou Mulder.

— E o que os três estavam fazendo no sótão? — perguntou Scully.

— Parece que o sótão estava sendo usado como laboratório — disse Mulder. — Eles estavam trabalhando em um projeto de ciências.

— Que tipo de projeto de ciências?

— Estavam tratando de produzir um tipo de gás químico — disse Mulder.

— Um gás? Que tipo de gás era esse? — perguntou Scully.

— Ainda não tivemos oportunidade de determinar isto com precisão — respondeu Mulder. — Estamos mandando uma amostra para ser analisada.

— Mulder, existem determinados elementos químicos que, quando inalados, podem produzir sérios distúrbios de caráter mental —, disse Scully. — Um dos problemas mais comuns é a ilusão que a pessoa tem de estar sendo atacada por insetos. A vítima do incidente que você está investigando pode perfeitamente ter sido acometida por um problema desse tipo.

— E quanto aos outros adolescentes? — perguntou Mulder. — Eles afirmam que também viram os insetos.

— Suponho que eles também tenham inalado o mesmo produto químico, não? — perguntou Scully.

— Sim, inalaram — respondeu Mulder. A esta altura suas respostas demoravam um pouco mais a sair. A excitação e a emoção iam desaparecendo de sua voz.

— A mera sugestão de que havia insetos no corpo da vítima pode ter feito com que eles também pensassem estar vendo os tais insetos — disse Scully. — Especialmente se a vítima do suposto ataque descreveu os insetos de maneira detalhada e violenta. Esse tipo de alucinação é conhecido como Síndrome de Ekbom.

— Síndrome de Ekbom? — perguntou Mulder. E fez uma longa pausa. Depois, disse: — O Dr. Newton está sinalizando que conhece essa expressão. Parece que ele concorda com o seu diagnóstico.

— Muitas vezes as vítimas cortam a si mesmas, na tentativa de remover os insetos imaginários — continuou Scully.

Fez-se silêncio do outro lado da linha. Scully ficou calada durante alguns instantes, e depois perguntou, com a voz mais doce do mundo:

— Ainda quer que eu vá até aí?

A voz de Mulder era a de um homem derrotado.

— Não. Você deve estar com toda a razão. Desculpe por tê-la incomodado de novo.

— Não houve incômodo algum, Mulder — disse Scully em um tom animado. — Agora, se não tiver mais nada a dizer...

— Não há mais nada — disse Mulder.

— Então eu me encontro com você quando voltar para Washington —, disse Scully. — Se me der licença agora, tenho muito a fazer. — Mal desligou o telefone, Scully gritou: — Queequeg, venha cá!

Obediente, o cachorrinho correu de volta para o aposento, com o rabo entre as pernas.

Mulder tinha uma expressão sombria quando desligou o telefone. Odiava quando descobria que Scully tinha razão em coisas como aquela.

— Conseguiu obter mais alguma informação junto às testemunhas? — perguntou ele ao xerife, mas sem demonstrar estar com muita esperança de descobrir novidades.

O xerife limitou-se a balançar a cabeça. E disse:

— Os garotos ainda estão meio chocados com o que aconteceu. Mas mesmo quando saírem do estado de choque eu duvido que eles tenham alguma coisa importante a acrescentar.

— Poderíamos examiná-los para ver que tipo de produto químico eles inalaram — disse Mulder. Mas já podia perceber que as pistas que estava esperando encontrar estavam se tornando tão frias como o cadáver que jazia sobre o piso do sótão.

No entanto, mesmo enquanto o xerife fazia um gesto com a cabeça, em resposta à sua sugestão, Mulder tornou a se animar.

Seus olhos se iluminaram, de repente, e ele começou a andar pelo laboratório apoiando-se na ponta dos pés. Ele viu que os outros o observavam, e levou o dedo indicador aos lábios.

Quando chegou perto de uma mesa de aço do laboratório, foi-se abaixando lentamente, com todo o cuidado para não fazer barulho.

Fez uma pausa que durou uma fração de segundo. Aí, sua mão se estendeu para a frente. Bingo! Triunfante, ele levantou a mão fechada.

— Peguei uma! — disse ele. — Ela estava pendurada embaixo do tampo da mesa. Rápido! Eu quero uma vasilha!

O xerife Frass apanhou um pequeno frasco de vidro e, rapidamente, entregou-o a Mulder. Os outros vinham logo atrás do xerife. Todos se amontoaram ao redor de Mulder, que estendeu o punho cerrado sobre a boca do frasco.

Mulder abriu a mão apenas o suficiente para que o inseto fosse derrubado dentro do frasco. Mas não caiu coisa alguma. Ele cerrou as sobrancelhas.

— Devo ter apertado demais a mão sobre a barata — disse ele. — Acho que a matei sem querer.

Ele abriu as mãos devagar. Nada havia restado da barata, a não ser alguns pedaços negros, bem amassados.

— Você não a matou — disse o xerife. — Parece que a aniquilou por completo.

— Não era uma barata, afinal de contas — disse Mulder. — Era apenas uma casca. Não havia coisa alguma dentro. A barata deve ter deixado a casca e fugido para algum lugar. Elas costumam fazer isso, como vocês sabem.

— Que azar! — disse o xerife, notando o desapontamento que tomava conta de Mulder. — Talvez, da próxima vez, a gente consiga apanhar uma barata de verdade. Seja como for, pelo menos agora nós temos prova de que realmente havia baratas aqui.

Mulder olhou para a palma de sua mão e começou a limpar os restos amassados do exoesqueleto da barata. Mas parou de repente, e sua voz voltou a ficar cheia de emoção, quando ele disse:

— Temos muito mais do que isso, xerife.

Ele estendeu a mão para a frente, com a palma virada para cima, e mostrou-a para o xerife Frass. Sua mão estava manchada de sangue, que saía de pequenos ferimentos na palma.

— Eu tenho a impressão de que a casca desse inseto era feita de metal — disse Mulder.

## **Capítulo 7**

Os cortes não foram muito profundos... Na verdade são apenas leves escoriações — disse o Dr. Newton a Mulder. Os dois estavam na sala do Dr. Newton, no

hospital da cidade.

O médico estava examinando os cortes que havia na palma da mão de Mulder.

— Esses ferimentos não poderiam ter sido causados por lascas de metal? — perguntou Mulder.

— Acho melhor esperar pelos resultados dos testes, antes de tirar quaisquer conclusões — disse o médico. O laboratório está realizando uma análise completa dos fragmentos da casca da barata.

— Pois eu acho que já sei o que eles vão descobrir — disse Mulder — olhando para a palma da mão machucada. Já não saía mais sangue, mas os pequenos ferimentos ainda estavam doendo.

— É bem possível que você esteja certo — disse o Dr. Newton.

Então o médico pigarreou. Parecia não estar muito à vontade, quando disse: — Agente Mulder, como médico eu gosto de falar com toda franqueza aos meus pacientes. Por menos agradável que seja a verdade, é sempre melhor colocar as coisas bem às claras.

Ele fez uma pausa, como se não quisesse continuar falando.

Mulder olhou de novo para a palma da mão. Abriu e fechou-a de novo. Os ferimentos não pareciam ser tão sérios. Mas não havia dúvida alguma de que o médico estava bastante preocupado.

— Não se preocupe, doutor — disse Mulder. — Não sou o tipo de pessoa que entra em pânico sem mais nem menos. O que é que tem para me dizer?

O Dr. Newton balançou a cabeça e disse:

— Você não está me entendendo. Eu quero que você me diga uma coisa. — O médico curvou o corpo para a frente, e seu olhar encontrou-se com o de Mulder. E ele disse:

— Agente Mulder, pode me dizer que diabo está acontecendo por aqui?

Mulder encolheu os ombros e balançou a cabeça.

— Não tenho a mínima idéia —, respondeu ele. — Não sei mesmo. Talvez esteja acontecendo alguma coisa fora do comum, como podem sugerir algumas das descobertas que fizemos. E talvez exista uma explicação bastante simples para tudo, conforme parece acreditar minha parceira, que está em Washington. Infelizmente, ainda não dispomos de provas suficientes para continuar a investigação.

A resposta de Mulder não satisfiz a curiosidade do Dr. Newton.

— Acha que estamos correndo perigo? — perguntou ele, de olhos fixos na

expressão de Mulder, em busca de uma pista qualquer.

— Não sei — repetiu Mulder, com uma expressão neutra de jogador de pôquer.

— Acha que eu deveria tirar minha família desta cidade? — insistiu o Dr. Newton.

— Realmente não sei o que dizer —, respondeu Mulder, procurando ganhar tempo.

O Dr. Newton já estava a ponto de fazer mais uma pergunta quando o xerife entrou na sala.

— Doutor, está tudo pronto para o senhor fazer o exame do cadáver do rapaz — disse o xerife Frass.

O Dr. Newton voltou-se relutante para se afastar de Mulder.

Levou o dedo indicador à testa, bem no meio dos olhos, e esfregou com força. Então, sacudiu a cabeça com força umas duas vezes.

— Vou tratar disso em alguns minutos — disse ele. — Primeiro vou dar uma chegada ao banheiro para jogar um pouco de água fria no rosto. Quero estar com a mente bem desanuviada. Neste momento eu me sinto como se estivesse perdido na neblina. Tudo que encontro neste caso parece tão obscuro e misterioso...

Depois que o médico saiu, ainda balançando a cabeça, o xerife Frass perguntou a Mulder:

— Qual é o problema de Newton?

— Acho que ele está chateado porque ainda não sei o que está acontecendo aqui — respondeu Mulder.

O xerife balançou a cabeça. Depois, inclinou-se para Mulder e baixou o nível de sua voz.

— Aqui entre nós, agente Mulder, o que é que está acontecendo?

— Como eu já disse ao doutor — respondeu Mulder pacientemente — não sei o que dizer. Minha investigação ainda está nos seus primeiros passos. Seria uma irresponsabilidade de minha parte deixar as outras pessoas preocupadas. Nada é mais perigoso do que rumores incontrolláveis e temores infundados.

— Ora, vamos! — exclamou o xerife, colocando seu rosto demasiadamente perto de Mulder. — Pode se abrir comigo. Eu sei que você é do governo e tudo o mais, e também sei o que o governo está pretendendo por aqui.

— Só pelo fato de eu trabalhar para o governo federal, acho que não podem me considerar como especialista em baratas — disse Mulder — afastando-se meio passo do xerife. Então foi sua vez de curvar-se para a frente e perguntar: — Diga-me, xerife, o que

é que o governo está pretendendo por aqui?

— Por acaso está me dizendo que não está a par das experiências que o governo vem realizando nesta região? — perguntou o xerife, com uma expressão de incredulidade no rosto.

— Experiências? — retrucou Mulder. De repente ele era todo ouvidos.

— Há uns dois meses apareceu por aqui um homem do governo federal — disse o xerife. — O sujeito dizia que era agente do Departamento de Agricultura. Logo ele alugou alguns hectares de terras na periferia da cidade. E a primeira coisa que fez foi mandar levantar uma cerca em volta de toda a propriedade. Aí mandou fazer uma casa lá dentro. Grandes caixotes fechados começaram a chegar, e com eles vieram mais funcionários do governo. Conseguiram manter no maior sigilo o que estavam fazendo. Tudo o que a gente sabe é que são coisas ultra-secretas.

— Então, o que acha que é? — perguntou Mulder.

— Já ouviu falar de abelhas assassinas? — disse o xerife.

— Sim, ouvi — respondeu Mulder.

— Então também deve saber que se tratava de uma experiência científica que não deu certo... Elas acabaram sendo soltas em cima do povo inocente — disse o xerife.

— Já ouvi algumas histórias a respeito disso — admitiu Mulder.

— E quem poderá garantir que não foi o próprio governo que criou uma nova espécie de baratas assassinas? — perguntou o xerife.

— Pode ter sido outro erro de laboratório. E estamos encontrando mais vítimas inocentes. E talvez sejamos testemunhas de outra operação de acobertamento.

O xerife olhou para Mulder, com uma expressão dura de acusação.

Antes que Mulder pudesse responder, uma enfermeira entrou na sala. Ela apanhou uma travessa cheia de instrumentos médicos que estava sobre um balcão, e retirou-se de novo. Mulder esperou até que ela saísse e fechasse a porta antes de responder.

— Xerife Frass — disse ele — talvez seja melhor o senhor guardar sua teoria para si mesmo, até que consigamos ver as coisas com mais clareza. Não queremos criar uma onda de pânico entre as pessoas que moram aqui, não é? A última coisa de que precisamos agora é histeria em massa.

Mulder mal havia terminado a frase quando a gritaria começou.

## Capítulo 8

Mulder e o xerife correram para o lugar de onde vinham os gritos. E logo viram-se frente a uma porta com uma placa que dizia: BANHEIRO MASCULINO. EXCLUSIVO DOS FUNCIONÁRIOS. Uma verdadeira multidão de médicos, enfermeiras e enfermeiros amontoou-se diante da mesma porta. O xerife Frass empurrou as pessoas para os lados com os cotovelos, com Mulder seguindo seus passos. Os dois homens sacaram de suas armas.

Quando entraram no banheiro masculino Mulder viu o motivo de toda aquela confusão. O Dr. Newton estava deitado no chão, de barriga para baixo. Um jovem médico estava ao seu lado, medindo seu pulso. Junto aos dois havia um enfermeiro em pé, pálido e trêmulo.

— Foi você quem gritou? — perguntou o xerife.

— Foi. E o senhor teria gritado também, se visse o que eu acabei de ver — disse o enfermeiro. A lembrança do incidente o fez tremer ainda mais forte.

— Vamos, acalme-se — disse o xerife.

— Falar é fácil, xerife — respondeu o enfermeiro. Mas ele conseguiu controlar um pouco o seu nervosismo.

— Afinal, o que foi que viu? — perguntou Mulder.

— Eu entrei aqui e o encontrei deitado ali, do mesmo jeito que está — disse o enfermeiro, quase chorando. — Só que o corpo dele estava todo coberto de baratas. Dezenas, talvez centenas de baratas. Insetos nojentos. Eu odeio baratas! Não sei como elas poderiam ter chegado até aqui. Em um hospital isso seria impossível. Mas elas estavam aqui. Eu vi com meus próprios olhos. Estavam em todo o corpo dele. Nunca vi nada parecido com isso. E espero que nunca mais veja.

Pela expressão do rosto do enfermeiro, ele ainda estava vendo as baratas.

Mulder e o xerife olharam rapidamente por todo o banheiro.

— Não estou vendo nenhuma barata — disse o xerife.

— Saí do banheiro por alguns instantes para pedir socorro — disse o enfermeiro. — Quando voltei, todas as baratas já haviam desaparecido.

Mulder já havia começado a examinar o banheiro com mais cuidado. Lembrando-se de que o Dr. Newton havia dito que precisava jogar um pouco de água fria no rosto, ele dirigiu-se para os lavatórios junto à parede.

Seus olhos se estreitaram, e ele curvou o corpo ao lado de um dos lavatórios.

— Encontrei uma — disse ele ao ver uma barata no fundo da bacia do lavatório. O inseto estava de costas, imóvel, com as antenas no ar.

O xerife curvou-se para a frente para olhar.

— Bem, pelo menos podemos ver que elas podem morrer. Mas o que teria causado sua morte?

— Poderemos descobrir isso no laboratório — disse Mulder. Ele estendeu a mão para apanhar a barata.

— Cuidado, cuidado — advertiu o xerife. — Não aperte muito. Lembre-se do que aconteceu da última vez.

— Certo — respondeu Mulder, balançando a cabeça. Com todo o cuidado Mulder fechou o polegar e o indicador sobre o corpo do inseto. Lentamente o ergueu de dentro da bacia do lavatório.

E aproximou a barata do rosto para examinar melhor. — Não parece ter nada de anormal — disse ele. — Não passa de uma normal e corriqueira barata..

Foi só isso que ele conseguiu dizer.

Sem qualquer aviso, o inseto deu um salto e livrou-se dos dedos dele. E caiu de novo na bacia do lavatório. Antes que Mulder ou o xerife pudessem fazer qualquer coisa, a barata escapou, descendo pelo ralo.

O xerife Frass balançou a cabeça, mostrando todo o seu desgosto.

— Talvez eu deva segurar as baratas daqui para a frente, agente Mulder — disse ele.

Mulder resolveu não perder seu tempo em responder. Enfiou a mão no bolso do paletó e tirou de lá o seu telefone celular. Scully atendeu na quarta vez que o telefone chamou.

— Quem foi que morreu agora, Mulder? — perguntou ela de modo provocador.

— O médico legista — respondeu Mulder. — Seu corpo foi encontrado no banheiro masculino do hospital, coberto de baratas. Agora eu acho que chegou mesmo a hora de você vir para cá.

— Foi no banheiro masculino que você disse? — perguntou Scully.

— Isso mesmo — respondeu Mulder.

— O que ele estava fazendo lá? Ou será que eu não devo perguntar? — disse Scully.

— Ele parecia que estava com dor de cabeça, pelo jeito como esfregou a testa, — disse Mulder. — Queixou-se de estar com a vista turva. Achava que poderia melhorar,

se jogasse um pouco de água fria no rosto.

— Hahn-hahn — disse Scully. — Mulder, faça-me um favor e examine os olhos dele.

Mulder curvou-se diante do cadáver que estava no chão e fez o que ela havia pedido.

— O que é que acha que vou encontrar?— perguntou ele.

— Por acaso um dos olhos dele está vermelho, e a pupila desse olho por acaso parece estar estranhamente dilatada?— perguntou Scully.

— Que olho? — indagou Mulder.

— Qualquer um — respondeu Scully.

Mulder puxou para cima a pálpebra de um dos olhos do Dr. Newton, e depois a do outro.

— Sim — disse Mulder ao telefone.— O olho esquerdo está do jeito que você falou.

— Ele pode muito bem ter tido um aneurisma cerebral — disse Scully.

— Um aneurisma cerebral? — perguntou Mulder. Ouvindo essas palavras, o jovem médico que estava no banheiro acenou que sim com a cabeça.

Enquanto isso, Mulder continuava ouvindo Scully dar suas explicações. — Tem todos os sinais disso. O aneurisma ocorre quando um vaso sangüíneo arrebenta, dentro do organismo. Acontece de modo muito rápido, sem advertência alguma. E, quando isso acontece no cérebro, geralmente é fatal.

— Mas o que poderia ter sido a causa disso? — perguntou Mulder.

— Para começar, o vaso sangüíneo costuma ser fraco — explicou Scully. — Qualquer tipo de tensão pode fazer com que, de repente, ele arrebente. Diga-me, Mulder: o legista por acaso estava envolvido em alguma atividade física muito intensa?

— Não — respondeu Mulder.

— Ele estava enfrentando algum tipo de estresse emocional? — perguntou Scully.

— Estava — admitiu Mulder.

— Então eu acho que encontramos uma explicação razoável para a causa de sua morte — disse Scully. — Agora, a menos que você tenha mais perguntas, eu gostaria de tentar dormir.

Mulder fez uma derradeira tentativa.

— Como é que você explica a presença das baratas? — perguntou ele.

— Por acaso pegou alguma? — perguntou Scully.

— Sim — disse Mulder. Mas então ele mordeu os lábios e foi mais específico: — Bem, quase...

— Então eu não sei o que poderia lhe dizer — respondeu ela. E chamou: — Mulder?

— Sim — respondeu ele.

— Espero que você não esteja querendo me dizer que acredita ter deparado com uma infestação de baratas assassinas.

— Já nem sei mais em que acreditar — respondeu Mulder. — Você poderia investigar isso? Não tenho acesso aos bancos de dados apropriados, aqui onde estou.

— Pode deixar que eu investigo — disse Scully.

## Capítulo 9

Mulder resolveu não ficar ansioso, à espera do relatório de Scully. De fato, estava respirando bastante fundo enquanto subia por uma elevada cerca de tela de arame, no meio da escuridão da noite. Uma placa afixada na cerca dizia, em letras impossíveis de não se enxergar:

PROIBIDO ENTRAR — PROPRIEDADE DO DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS.

Forçando a vista para enxergar além da cerca, ele havia ficado imaginando para que seria aquilo. Mas tudo o que podia ver dentro da propriedade era uma casa de aparência bastante comum. Era o mesmo tipo de casa que se pode encontrar nos subúrbios de praticamente qualquer cidade dos Estados Unidos.

Mulder chegou à parte de cima da cerca e caiu para o outro lado. Seus joelhos se curvaram para amortecer o choque da queda.

Então ele caminhou com todo o cuidado na direção da casa. Tinha esperado nada menos de meia-hora até partir para a ação. Mas o fato de não ter visto nenhum guarda não indicava que não poderia haver alguém lá dentro.

Rrriinnng. Disparou a campainha de seu telefone celular.

A mão bateu forte no bolso do paletó para agarrar o aparelho, ligá-lo e acabar com o barulho.

— É Mulder — respondeu ele junto ao fone.

— Mulder, estive fazendo algumas pesquisas — disse-lhe Scully.

— E daí?

— Consegui descobrir alguma coisa. Não é muito, mas já é alguma coisa — disse Scully.

— O quê? — perguntou Mulder. Era muito difícil falar baixinho daquele jeito. Ele olhou nervoso para a casa, mas não havia qualquer sinal de vida.

— Em meados da década de 80, um tipo de barata que antes era encontrada apenas na Ásia apareceu, de repente, na Flórida — explicou Scully. — Desde então essa espécie em particular conseguiu espalhar-se por toda a América.

— E elas atacam as pessoas? — perguntou Mulder impaciente.

— Desculpe-me Mulder, mas a resposta é negativa, — disse Scully — No entanto, elas são diferentes das baratas nativas dos Estados Unidos. Conseguem voar por longas distâncias. E têm uma grande atração pela luz.

— Mas elas não atacam as pessoas — disse Mulder em um tom sombrio.

— Mulder, você não está me entendendo — disse Scully, impaciente. — Estou sugerindo que, se uma espécie estrangeira de baratas conseguiu chegar a este país, é possível que qualquer outra espécie também tenha chegado. E essa sim, poderia sentir atração pelas pessoas.

A essa altura Mulder já havia chegado perto da casa.

Com o telefone ainda junto à orelha, ele espiou pela janela. Mas o aposento estava às escuras.

— Faz muito sentido, Scully, e eu não gosto nada disso — disse ele. — Descobri que uma agência do governo federal está realizando experiências secretas por aqui. Os homens envolvidos afirmam que são do Departamento de Agricultura, mas não dá para confirmar isso. Acho que valeria a pena investigar melhor.

— Mulder — disse Scully com um suspiro — Você não está pensando em invadir de novo uma propriedade restrita do governo federal, está? Eu sei que isso deu resultado no passado, mas é uma atividade profundamente imprópria. E não acho que se justifique...

— Tarde demais — disse Mulder — acabei de saltar por cima da cerca.

— Mulder, acho que você nunca vai aprender — suspirou Scully. Mas não podia deixar de perguntar: — E então? O que está acontecendo? O que você está vendo aí?

— Não dá para ver muito, do lugar onde estou — respondeu Mulder. — Foi

construída uma casa na propriedade. Acho que vou tentar entrar.

— Tenha cuidado — disse Scully.

— Não sou sempre cuidadoso? — perguntou Mulder.

— Como eu disse, tenha cuidado.

— Estou tentando abrir a porta — disse Mulder. — Está trancada.

— Era de se esperar — disse Scully.

— Acho que posso dar um jeito de abrir — disse Mulder, enfiando um pequeno grampo na fechadura. Moveu o grampo de um lado para outro, até ouvir um pequeno estalido. Então ele disse a Scully:

— Lá vou eu. Parece que a segurança do pessoal aqui não é grande coisa.

— É muito difícil contratar gente que trabalhe direito nos dias atuais — comentou ela. — Nem mesmo o governo consegue...

A essa altura Mulder já havia passado pela porta. Ele acendeu sua lanterna.

— Consegui entrar — disse ele — A casa parece estar completamente vazia.

Ele varreu toda a sala com o fecho de sua lanterna.

— O que está vendo? — perguntou Scully.

— Nada mais do que uma casa normal, como as de todas as famílias de classe média — informou Mulder. — Tem uma sala bastante grande, um belo tapete no chão, mobília simples, mas de boa qualidade, uma lareira...

— Quando é que vou poder me mudar? — perguntou Scully.

Enquanto isso, Mulder já havia passado para outro aposento.

— Agora estou na cozinha — disse ele. — Vejo modernos aparelhos eletrodomésticos, paredes móveis... — Mulder parou de falar e tornou a olhar.

— Paredes móveis? — perguntou Scully.

— As paredes desta cozinha parecem estar em movimento... A impressão que dá é que existem ondas por baixo do papel de parede — disse Mulder, levando sua lanterna mais para perto.

— O que parece estar causando esse movimento? — perguntou Scully, com a voz carregada de tensão.

— É o que estou tentando descobrir, respondeu Mulder, batendo no papel de parede com a lanterna. — As batidas na parede parecem fazer o movimento aumentar.

— Mulder, tenha cuida... — começou Scully.

Antes que ela conseguisse terminar sua advertência, Mulder a interrompeu:

— Estou vendo um pequeno rasgo no papel de parede. Se conseguir abrir o buraco eu poderei ver... — Então ele exclamou: Aghhhh!

— Mulder! O que foi...? — A voz de Scully estava carregada de preocupação.

— Baratas — respondeu Mulder. — Estão escapando pelo rasgo do papel de parede! Dez... vinte... São tantas que não vou conseguir contar...

Sua voz foi ficando mais fraca, enquanto ele concentrava o fecho da lanterna sobre os insetos, e as baratas se afastavam. Ele varreu toda a cozinha com a luz da lanterna. Havia baratas por toda parte onde ele olhava. Elas procuravam fugir quando a luz as atingia diretamente. Mas ele conseguia ver que os insetos voltavam para o mesmo lugar, assim que a luz era desviada em outra direção.

— Elas estão por toda parte! — exclamou ele, em um tom frenético. — Estou cercado por elas. Tenho de dar um jeito de fazer com que se afastem. Felizmente elas parecem ter medo da luz. Se eu conseguisse... — Então ele resmungou: — Ó, não!

— O que foi, Mulder? — perguntou Scully.

— Minha lanterna — respondeu Mulder. — Apagou!

## Capítulo 10

— Mulder! — gritou Scully ao telefone. — O que está acontecendo aí? Você está em...? — Tenho de desligar — disse ele rapidamente. Scully ouviu o estalido do telefone de Mulder sendo desligado.

Scully sabia que seria arriscado demais chamá-lo de novo. A única coisa que ela poderia fazer seria esperar. E tentar adivinhar o que estava acontecendo. E preocupar-se.

Enquanto isso, Mulder tinha suas próprias preocupações. Ele estava de pé, com a lanterna apagada em uma das mãos e o telefone desligado na outra, quando as luzes se acenderam e varreram com um forte clarão toda a cozinha. As baratas desapareceram no mesmo instante. Mas agora Mulder tinha um novo problema a resolver. Um problema bem mais complicado.

Bem, ele achou que talvez não fosse exatamente um problema, quando seus olhos se acostumaram ao clarão da luz e ele viu com mais clareza a figura que se encontrada junto à porta.

Aquilo estava mais para um desafio.

Na verdade, um novo e interessante desafio.

Parada diante da porta estava a mulher mais linda que Mulder tinha tido a chance de ver, depois de muito tempo. Os olhos dela brilhavam com grande intensidade, contra o fundo proporcionado por seus cabelos negros. A blusa de flanela, os shorts do tipo safári e as botas de caminhada pareciam surpreendentemente atraentes.

Mas a expressão do rosto dela dizia a Mulder que ela não estava impressionada do mesmo modo com ele. Na verdade, a mulher parecia estar cheia de ódio.

— O que acha que está fazendo aqui? — perguntou ela, com os olhos que pareciam soltar fagulhas. — Isto aqui é propriedade do governo federal. E o senhor entrou sem permissão.

— Eu sou agente federal — disse Mulder.

O olhar da mulher permaneceu duro, quando ela disse:

— Eu também sou.

Mulder colocou o telefone de volta no bolso do paletó. E mostrou sua identificação.

— Agente Mulder, FBI —, disse ele.

— Dra. Berenbaum — disse a mulher. — Do Serviço de Pesquisas do Departamento de Agricultura.

— Dra. Berenbaum — disse Mulder. — Vou ter de lhe fazer algumas perguntas.

— Por exemplo? — disse a mulher.

— O que uma moça bonita como você está fazendo em um lugar como este? — perguntou Mulder.

— O que está pretendendo dizer com isso? — respondeu a Dra. Berenbaum.

— Bem, sua mãe nunca lhe falou a respeito de armadilhas para baratas? — perguntou Mulder.

— E qual é o problema? O senhor tem alguma coisa contra as baratas? — disse irritada a Dra. Berenbaum.

— Alguma coisa contra elas? — retrucou Mulder. E tentou voltar atrás, para consertar seu erro: — De jeito nenhum. Na verdade, sou uma pessoa muito interessada em baratas.

— Verdade? Então venha até o meu laboratório.

— Pode ir à frente — disse Mulder, observando que a mulher tinha um lindo sorriso.

Ao entrar no laboratório, Mulder viu que a Dra. Berenbaum tinha uma inegável

queda pelos insetos.

Havia fotos ampliadas de aranhas penduradas pelas paredes, como se fossem posters. E também havia fotos ampliadas de moscas.

Sem falar das enormes fotos coloridas de baratas. Dezenas e dezenas de enormes baratas.

Mulder olhou para elas e fez de tudo para seu estômago não revirar.

Procurou manter a voz calma e perfeitamente normal, quando disse:

— Pelo que estou vendo seu trabalho científico tem muito a ver com os insetos.

— Adivinhou — disse a Dra. Berenbaum.

— E por acaso o seu trabalho tem alguma coisa a ver especificamente com as baratas? — perguntou Mulder.

— Na verdade tem, sim — respondeu a Dra. Berenbaum. — A equipe de pesquisa que eu dirijo está atualmente realizando um estudo sobre as baratas.

— E qual a finalidade das pesquisas? — perguntou Mulder.

— Nós observamos o modo como elas reagem a mudanças na luz, na temperatura, nas correntes de ar, e em relação a diferentes tipos de alimentos —, disse a Dra. Berenbaum. — Quanto mais soubermos a respeito dos hábitos delas, melhor será para podermos encontrar uma maneira de exterminá-las.

— Mas por que mantém esse projeto envolvido em tanto segredo? — perguntou Mulder. — Vocês deixaram muita gente desta região cheia de suspeitas em relação às suas atividades.

— Por acaso acha que deveríamos fazer propaganda de nosso trabalho? — perguntou a Dra. Berenbaum em um tom seco. — Acha que deveríamos dizer às pessoas que infestamos uma casa na cidade deles com milhares de baratas?

— Certo, argumento aceito — disse Mulder. E procurou aprofundar-se mais na investigação. — Mas, diga-me: essas baratas... Elas são de uma espécie... normal?

— São de uma variedade bastante comum, se é isso que deseja saber — respondeu a Dra. Berenbaum.

Mulder tentou aplicar outra agulhada.

— Por acaso a senhora já estudou algum tipo de barata que é... atraída pelas pessoas? — perguntou ele.

A Dra. Berenbaum balançou a cabeça com firmeza.

— Isso é extremamente improvável — disse ela — Na verdade, muitas baratas costumam até se lavar, depois de serem tocadas por um ser humano.

— Eu não tinha a menor idéia de que elas eram tão sensíveis — disse Mulder.

— Tenho certeza de que ainda há muita coisa que não sabe a respeito das baratas — disse a Dra. Berenbaum.

— Também tenho certeza disso — disse Mulder. — Por isso é que preciso que me responda a todas as minhas perguntas.

— Veio falar com a pessoa certa — disse a Dra. Berenbaum.

— Dá para notar isso —, disse Mulder.

— Terei o maior prazer em ajudá-lo — assegurou-lhe a Dra. Berenbaum. — São muitas as idéias erradas que fazem das baratas, e que precisam ser devidamente esclarecidas.

— Fico agradecido por sua colaboração. Algumas pessoas também têm idéias erradas a respeito dos agentes do FBI —, disse Mulder, e seu olhar encontrou-se com o dela. Os olhos dela eram de uma tonalidade bastante cálida de castanho. Na verdade, Mulder sentiu que ele próprio estava mais quente. Pensou em desabotoar o colarinho da camisa, mas procurou concentrar-se no tema da conversa. — Então, devo supor que jamais ocorreu um caso em que uma barata tivesse... atacado uma pessoa humana?

— Atacar, de fato não — disse a Dra. Berenbaum. — É claro que elas muitas vezes sentem falta de umidade. De maneira que já foram registrados muitos casos de baratas caminhando para dentro do nariz ou da orelha de pessoas.

— Do nariz? — perguntou Mulder, fazendo uma careta e levando o dedo ao nariz antes que pudesse controlar o reflexo.

— E qual o problema? — perguntou a Dra. Berenbaum.

— Isso por acaso o incomoda?

— A mim? Claro que não... — protestou Mulder. E olhou ao redor, pelo laboratório, em busca de uma desculpa que lhe permitisse mudar de assunto.

Ele viu um inseto vivo em um pequeno frasco de vidro. O frasco estava montado sobre uma pequena bobina elétrica.

— O que é aquilo? — perguntou Mulder.

— É um besouro — disse a Dra. Berenbaum.

— É parte de alguma experiência?

— Sim... Um projeto particular em que estou envolvida, — respondeu a Dra. Berenbaum. — As cascas dos insetos contêm produtos químicos que podem ser queimados por meio de uma descarga elétrica. Veja isto.

Ela apertou um botão. Uma descarga elétrica atingiu o inseto.

Uma chama azul brotou de sua casca, como um pequeno relâmpago.

— E o que isso prova? — perguntou Mulder.

— Eu tenho uma teoria de que os ÓVNIs que vemos na terra na verdade são enxames de insetos — anunciou a Dra. Berenbaum.

— É mesmo? — disse Mulder, como se uma descarga elétrica tivesse atingido seu corpo.

A Dra. Berenbaum viu a luz que se acendia nos olhos dele.

— Está interessado em ÓVNIs, do mesmo modo que se interessa pelos insetos, agente Mulder? — perguntou ela.

Mulder Pigarreou, tentando disfarçar.

— Ah, sim, claro... De certo modo sim — disse ele.

— Sabe muita coisa a respeito deles? — perguntou a Dra. Berenbaum.

— Bem, um pouquinho, — respondeu Mulder. — Mas estou sempre pronto e disposto a aprender mais.

— Tem conhecimento das características normais de um encontro com ÓVNI? — perguntou a Dra. Berenbaum.— Sabe a respeito do repentino aparecimento de luzes coloridas, que brilham no céu? Sabe como elas se movem de uma maneira não-mecânica? Sabe como elas geralmente interferem com as transmissões de rádio e televisão? E já ouviu falar do repentino desaparecimento dessas luzes?

— Eu me lembro de alguns relatórios que falam a respeito — disse Mulder.

— Então percebe que tudo isso poderia ser facilmente causado por insetos, formando enxames ao redor de um campo elétrico — disse a Dra. Berenbaum.

— Os ÓVNIS são insetos mesmo? — perguntou Mulder. Isso é... fascinante.

Mais uma vez ele se surpreendeu olhando nos olhos dela. Via uma luz intensa ali dentro, como se uma intensa fagulha estivesse saltando entre os dois.

— Tudo que diz respeito aos insetos é fascinante — disse ardentemente a Dra. Berenbaum. — Eles são criaturas realmente marcantes. Tão lindos... e tão sinceros.

— Sinceros? — perguntou Mulder, piscando.

— Eles nascem, vivem e morrem, comem, dormem e se reproduzem, — disse a Dra. Berenbaum. — Só fazem isso, do mesmo modo como nós fazemos apenas isso. Mas, pelo menos, os insetos não iludem a si mesmos. — Ela fez uma pausa, e depois disse: — Mas eu espero que minha afeição pelos insetos não o faça afastar-se.

— Nada disso — respondeu Mulder. — Acho isso tudo... muito revelador.

Ele estava a ponto de dizer mais alguma coisa quando o telefone tocou de novo

em seu bolso. Ele apanhou o aparelho.

— Agora não, Scully —, rosnou ele no aparelho. E desligou sem ao menos esperar por uma resposta.

Tornando a colocar o telefone no bolso, ele voltou-se novamente para a Dra. Berenbaum.

— É muito confortante encontrar alguém que tem a mesma opinião que eu a respeito dos insetos — disse-lhe ela.

— Sim, eu sempre me senti bastante atraído por eles — garantiu Mulder.

— Muitas pessoas simplesmente se recusam a reconhecer a beleza dessas criaturas — disse a Dra. Berenbaum, balançando a cabeça. — Insistem em chamá-los de bichos, e em achar que são sujos, maldosos, viscosos, repulsivos e nojentos.

— Um engano bastante comum — concordou Mulder, balançando a cabeça em sinal de apoio.

— E os ÓVNIs — disse ela.

— Acha que eles também são uma ilusão? — perguntou Mulder.

— Não — disse a Dra. Berenbaum, sorrindo. — O que eu quero dizer é que você está interessado neles, do mesmo modo que eu.

— O mundo é mesmo pequeno, não? — perguntou Mulder.

— Talvez também tenhamos outras coisas em comum — disse a Dra. Berenbaum.

— Isso me parece perfeitamente possível — disse Mulder. Ele esperava descobrir mais a respeito.

## **Capítulo 11**

Mulder deitou-se na cama, em seu quarto de hotel. O aposento estava às escuras, exceto pela luz bruxuleante da televisão. Mas ele não estava realmente assistindo. Estava lembrando sua longa conversa com a Dra. Berenbaum. Esta era uma mulher muito interessante. E Mulder viu que estava ficando cada vez mais interessado nela.

De repente uma palavra dita por alguém na televisão despertou sua atenção. "Baratas".

Mulder olhou firme para a tela. Estava no ar um noticiário local. Um repórter estava em pé, sob as luzes de alguns holofotes, na frente do hospital.

— Este é o quinto caso de morte de uma pessoa cujo cadáver foi encontrado coberto de baratas — disse o repórter. — Até agora a polícia vem se recusando a informar se os insetos tiveram ou não, alguma coisa a ver com as mortes. Mulder sentiu coceiras atrás da orelha. Sua mão foi direto para o local. Mas não havia nada ali. Ele voltou a assistir ao noticiário da TV.

— A polícia também desmente os rumores de que as mortes poderiam ter sido causadas pelo terrível vírus Ebola, transmitido por baratas infectadas — continuou o repórter.

— Por enquanto o caso está sendo investigado pelas autoridades locais.

— Mas uma enfermeira deste hospital informou que um agente do FBI já se encontra na cidade.

Mulder sentiu alguma coisa coçando em um dedo de seu pé. Tirou a coberta da capa para olhar para o pé, mas não havia nada ali.

Ele voltou a olhar para a TV. Na tela eram vistos dois homens que estavam saindo do hospital. Ambos estavam usando macacões amarelos de proteção e também tinham as mãos, os pés e a cabeça cobertos. Aquele equipamento especial era para evitar o contato direto com bactérias infecciosas e outros tipos de contaminação perigosa.

— A polícia está avisando as pessoas de que não devem entrar em pânico se por acaso encontrarem alguma barata — disse o repórter. — Eu repito: não entrem em pânico. Basta notificar as autoridades... e abandonar a área imediatamente. Mulder fez uma careta quando desligou o receptor de TV.

Aquele repórter deveria ter sido amordaçado. Notícias alarmantes como aquela poderiam acabar causando pânico geral.

Então Mulder ficou rígido.

Ele sentiu uma coceira horrível no nariz.

A mão voou na direção de seu rosto. Ele soprou forte pelas narinas.

Nada saiu lá de dentro.

Ele deixou o corpo cair para trás sobre a cama, aliviado. Ficou ali deitado durante alguns minutos, tentando pegar no sono. Era muito difícil adormecer, quando a última coisa que pretendia fazer era fechar os olhos. O que ele mais desejava fazer era acender as luzes, de maneira que todo o quarto ficasse tão claro como durante o dia.

Finalmente ele desistiu de tentar conciliar o sono. Acendeu as luzes e apanhou o

telefone.

— Mulder? — perguntou Scully ansiosa, logo ao primeiro toque.

— Sim — respondeu Mulder.

— É bom ter notícias suas — disse Scully. — Eu já estava preocupada. Tanto que fui dormir com o telefone embaixo do travesseiro. Está tudo bem por aí?

— Não consigo dormir — disse Mulder. — Este caso está dando uma nova definição à noção das coisas que interrompem durante a noite.

— O que aconteceu com você no lugar que dizem ser do Departamento de Agricultura? — perguntou Scully.

— O projeto desenvolvido pelo governo federal está indo de vento em popa — explicou Mulder. — Eles estão realizando um estudo a respeito do comportamento dos insetos. Fiquei conhecendo a pessoa encarregada, de nome Berenbaum.

— Um especialista em insetos? — perguntou Scully.

— A palavra apropriada é entomologista — corrigiu Mulder. — Como você certamente deve saber, a entomologia é um ramo bastante respeitado da ciência.

— Claro — disse Scully. — É o estudo dos insetos. Muito bem, mas esse tal Berenbaum por acaso lhe ensinou como se faz para capturar insetos?

— Não — disse Mulder. — Mas ela me disse tudo o mais que eu precisava saber a respeito de insetos.

— Ela? — perguntou Scully.

— Em primeiro lugar —, disse Mulder —, você sabia que os antigos egípcios adoravam os besouros, que achavam ser deuses? Talvez as próprias pirâmides tenham sido construídas em homenagem a eles.

— Muito interessante — disse Scully. Ela bocejou junto ao telefone. — E você por acaso sabia que George Washington tinha dentes de madeira?

— Bambi também desenvolveu uma teoria a respeito dos ÓVNIs — continuou Mulder.

— O nome dela é Bambi? — perguntou Scully.

— Dra. Berenbaum — respondeu Mulder. — A teoria dela é de que...

— O nome dela é Bambi? — repetiu Scully.

— Os pais dela eram naturalistas — explicou Mulder.

— Ela lhe falou a respeito dos pais? — perguntou Scully. — Vocês devem ter tido uma conversa e tanto.

— Pois bem, ela desenvolveu uma teoria segundo a qual os ÓVNIs na verdade

seriam enxames de insetos. Eu devo admitir que jamais tinha ouvido falar de uma teoria como essa antes. Mas ela coloca as coisas de maneira bastante convincente.

— Mulder, é melhor não começar a exagerar — advertiu Scully. — Os cientistas podem estar tão errados como qualquer outra pessoa. Eles só sabem dizer as coisas de maneira um pouco mais convincente.

— Posso confessar uma coisa a você? — perguntou Mulder.

— Sim, claro que pode — respondeu Scully.

— Há uma coisa que eu não consegui dizer a Bam... à Dra. Berenbaum — disse Mulder, ainda vacilante. E admitiu:

— Eu... Eu odeio insetos!

— Mulder, muitas pessoas têm medo de insetos — disse Scully, com uma voz calma e tranquilizante. — É uma reação perfeitamente natural...

— Não, eu não tenho medo deles, Scully, — disse Mulder. — Mas eu os odeio. — Ele fez uma pausa, respirou bem fundo, e continuou: — Um dia, quando eu ainda era criança, estava subindo em uma árvore. Aí eu observei uma folha em movimento. Ela estava caminhando na minha direção. E então percebi que não era uma folha.

— Era um louva-a-deus? — perguntou Scully.

— Sim, era — respondeu Mulder. — Parece que você também entende de entomologia.

— E o que aconteceu? — perguntou Scully.

— Eu gritei — disse Mulder. — Mas não foi um gritinho de maricas. Foi o grito desesperado de uma pessoa que vê um monstro que não tinha nada que estar no mesmo planeta comigo. Você alguma vez observou que a cabeça de um louva-a-deus se parece com a cabeça de um alienígena? Naquele momento eu percebi que todo o universo poderia estar repleto de criaturas como aquela... e que algumas delas talvez não fossem tão pequenas.

— Mulder?

— O quê? — respondeu Mulder.

— Você tem mesmo certeza de que não foi um grito de maricas? — perguntou Scully. Antes que ele pudesse responder, os dois ouviram um barulho terrível. — O que foi isso? — perguntou Scully.

— Posso garantir que não foi nenhum grito de maricas — respondeu Mulder. — E veio de algum lugar, aqui mesmo no hotel.

Ele se levantou da cama e começou a vestir as roupas.

— Tenho de sair correndo — disse ele. E desligou o telefone.

## Capítulo 12

Mulder saiu correndo do seu quarto e disparou pelo corredor do hotel. Virou por uma esquina... e foi direto de encontro a um homem que corria em direção contrária.

No encontrão, os dois caíram de costas. Então levantaram-se, para olhar um para o outro.

— Dr. Eckerle! — exclamou Mulder, reconhecendo o homem em cujo porão havia morrido o exterminador de insetos. — Interessante encontrar o senhor por aqui.

— Depois de tudo o que aconteceu, eu não poderia mais ficar em minha casa — disse Eckerle. — Estou hospedado em um quarto aqui, enquanto procuro por outra casa. Acho que cometi um erro. Eu deveria ter ido embora da cidade. Talvez devesse me mudar para o outro extremo do país.

Enquanto isso, outros hóspedes do hotel estavam correndo. Enquanto Mulder e Eckerle estavam parados no meio do corredor, homens, mulheres e crianças, alguns ainda em seus pijamas, passavam às pressas ao lado deles, a caminho da saída.

— Eu ouvi um grito — disse Mulder. — Foi você quem gritou?

— Não — respondeu Eckerle — Mas ouvi esse grito também. Veio do quarto ao lado do meu. Eu fui ver se havia acontecido alguma coisa e... Aaggh! — Ele fez uma careta horrível quando se lembrou.

— Pelo jeito você encontrou alguma coisa fora do lugar — disse Mulder.

— Fora do lugar? Sim, eu encontrei uma coisa fora do lugar — disse Eckerle, com uma risada amarela. — Acho que se pode considerar fora de lugar um homem morto na cama, com o corpo coberto de baratas. Insetos nojentos, horríveis, caminhando sobre o cadáver. Nem sei quantas baratas havia. Mais do que eu poderia contar. E gostaria de nunca mais ter de olhar para elas. Agora, se o senhor me dá licença...

Ele empurrou Mulder para o lado e juntou-se à multidão de pessoas que procuravam deixar o prédio.

Mulder nem pensou em impedi-lo. Ninguém que está tão aterrorizado poderia ser facilmente impedido de fugir.

Mulder sacou seu revólver e seguiu em direção oposta a Eckerle e os outros.

E parou diante de uma porta que estava aberta.

Era um quarto bastante iluminado.

De lá da porta, Mulder viu o homem morto sobre a cama.

Dava para ver a expressão de horror ainda estampada em seu rosto. Mas ele não viu barata alguma, mesmo depois de ter entrado no quarto para investigar melhor.

Ele apanhou o telefone e digitou um número que lhe havia sido fornecido pelo xerife Frass. O xerife respondeu ao primeiro toque.

— Alguma notícia? — perguntou Frass, assim que Mulder se identificou.

— Más notícias — foi tudo o que Mulder precisou dizer.

— Onde é que você está? — perguntou o xerife.

— Em meu hotel... Na verdade acho que sou o único hóspede que ainda está por aqui — disse Mulder.

— Estou a caminho — disse Frass.

O xerife chegou em menos de meia-hora. Junto com ele veio uma equipe de reportagem da televisão. Enquanto os técnicos montavam seu equipamento, Mulder contou ao xerife Frass o que o Dr. Eckerle lhe havia dito.

— Naturalmente — disse Mulder — podemos ver as coisas da seguinte maneira: Eckerle pode ter visto coisas... e coisas rastejantes. O ataque das baratas contra o exterminador, na casa dele, sem dúvida o perturbou bastante. E, quando ele disse aos outros hóspedes o que pensou ter visto, os outros podem ter também entrado em pânico. — Mulder fez uma pausa e olhou preocupado para a equipe de reportagem da TV. — E o pânico sem dúvida vai entrar no ar daqui a pouco.

— Não é provável que todo mundo na cidade esteja vendo coisas —, disse o xerife Frass. — Este já é o sexto caso de morte semelhante que registramos.

— As provas foram mandadas para o laboratório... Por acaso ainda não recebeu os relatórios dos exames? — perguntou Mulder.

— Trouxe os relatórios comigo. Achei que você gostaria de ver o que eles descobriram — disse o xerife. E entregou a Mulder um grande envelope.

— Se não se importa, eu gostaria de examinar isto tudo com calma — disse Mulder.

— Não, não me importo — disse o xerife — Deixe que eu cuido da imprensa. Já estou me acostumando com isso.

Quando o repórter da televisão aproximou-se do xerife, Frass conseguiu mostrar sua expressão mais séria, enquanto declarava calmamente que a causa da mais recente

morte ainda não havia sido determinada, e que não havia razão alguma para suspeitar de qualquer coisa fora do comum. Disse também que a situação estava inteiramente sob controle. Enquanto isso, Mulder folheava o relatório dos exames efetuados em laboratório.

Assim que passou os olhos por todos os documentos, ele apanhou o telefone e discou para Washington.

— Mulder, o que foi que aconteceu desta vez? — perguntou Scully, assim que atendeu o telefone.

— Morreu um dos hóspedes do hotel onde estou — respondeu Mulder. — E informaram que o cadáver dele foi encontrado coberto de baratas.

— Mulder, vou partir imediatamente para aí — disse Scully.

— Scully, não tire conclusões apressadas — disse Mulder. — Acho que este homem morreu por causa de alguma reação às baratas.

— Mulder, é muito pouco provável a ocorrência de dois casos de choque anafilático no mesmo dia, e na mesma cidade — informou Scully. — Estou a caminho daí.

— O que estou querendo dizer é que eu acho que o homem teve um ataque cardíaco — explicou Mulder. — A imprensa local tem insistido na história a respeito de baratas assassinas, e a situação está ficando alarmante. Acho que este homem deve ter visto algumas baratas, e isso o assustou tanto que ele acabou morrendo.

— Seja como for, alguma coisa estranha certamente está acontecendo por aí — insistiu Scully.

— Talvez não — disse Mulder. — As explicações que você deu a respeito das mortes anteriores acabaram sendo corretas.

— Que explicações? — perguntou Scully.

— Todas elas — disse Mulder, folheando o longo relatório dos exames científicos das provas. — O exterminador de insetos morreu por causa de um choque anafilático. O adolescente morreu por causa dos ferimentos que ele próprio causou em seu corpo, depois de ter inalado uma substância química perigosa. E o médico legista morreu por causa de um aneurisma cerebral.

— Bom, isso é ótimo — disse Scully. — Mas ainda não conseguimos explicar por que as baratas apareceram em todas as cenas dessas mortes.

Mulder olhou a folha que estava no fim do relatório dos exames. Ele não havia visto essa folha quando lera o documento na primeira vez.

— E como as suas carapaças poderiam ser feitas de metal.

— Metal? — perguntou Scully. — Pode me dizer sobre o que está falando?

— Os fragmentos de uma casca de barata que eu encontrei — disse Mulder. — A análise mostrou que eram feitos de metal.

— Mulder — disse Scully com enorme determinação. — Estou indo para aí.

Mulder encolheu os ombros.

— Tudo bem... — disse ele.

## Capítulo 13

Mulder desconfiava de que Scully já havia feito suas malas. Bem, no final das contas talvez a vinda dela fosse uma boa idéia. Talvez ela pudesse ver alguma coisa que ele não estava conseguindo enxergar. Talvez...

Então Scully foi esquecida. Mulder acabara de ver uma pequena caixa marrom e retangular no tapete, embaixo da pequena mesa onde ficava o televisor. E tinha a forte impressão de que sabia do que se tratava.

Curvou o corpo para a frente para ver melhor, fingindo que ia amarrar os sapatos. E era mesmo o que ele havia pensado: uma armadilha para baratas, chamada Roach Motel.

Levantando a caixa na direção da luz, ele entrecerrou os olhos para ver o que havia dentro.

Na armadilha uma barata havia decidido abandonar a luta em busca da sobrevivência. Tinha conseguido livrar três de suas patas da substância pegajosa que havia na parte de dentro da pequena caixa. Mas as outras patas estavam bem presas à substância.

— Sei de uma pessoa que vai gostar de conhecer você, — disse Mulder.

Ele colocou a armadilha no bolso e caminhou para a porta.

Algumas pessoas não apreciariam a idéia de ser despertadas do seu sono por causa de um contato imediato com uma barata. Mas a Dra. Bambi Berenbaum não era uma dessas pessoas.

Quando ela ficou sabendo onde Mulder havia encontrado o inseto, mal conseguiu esperar até levar a barata para seu laboratório.

Seus olhos brilhavam de alegria quando ela segurou o inseto na ponta da pinça

de metal e fez um exame preliminar com uma lupa.

— Poderia me dizer que tipo de barata é esta? — perguntou Mulder.

— Eu deveria poder dizer... Afinal, a barata ainda está inteira — disse a Dra. Berenbaum, virando o inseto para examinar melhor a sua parte inferior. E disse: — Mas esta criatura parece pertencer a uma espécie bastante singular.

— Pelo que eu posso entender o desenvolvimento muscular dela é meio fora do comum — disse Mulder.

— Bem, sim... para um inseto, — disse a Dra. Berenbaum. E colocou a barata sob a lente de um microscópio eletrônico. Examinou cuidadosamente o inseto durante alguns instantes, e seus olhos se arregalaram de repente. — Mas talvez isso não seja tão incomum para um microprocessador.

— Por acaso está me dizendo que este inseto é algum tipo de aparelho mecânico? — perguntou Mulder.

— Veja você mesmo — disse a Dra. Berenbaum, afastando-se para que Mulder olhasse pela lente do microscópio.

Mulder fechou um olho e encostou o outro na lente.

— Desculpe, mas não fui treinado para este tipo de observação. Você terá de me dizer exatamente o que eu devo estar vendo.

— O que você está vendo é muito diferente de qualquer outro inseto que jamais verá na vida — disse a Dra. Berenbaum.

— Por acaso você já encontrou alguma coisa parecida com isto antes? — perguntou Mulder.

— E a primeira vez — respondeu-lhe a Dra. Berenbaum.

— E por acaso já leu algum relatório ou informe a respeito de um mecanismo deste tipo? — perguntou Mulder.

A Dra. Berenbaum parou um instante para pensar.

— Eu me lembro de ter visto artigos a respeito em publicações científicas — disse ela.

— E o que diziam os artigos? — perguntou Mulder.

— Falavam a respeito de um pesquisador que vem realizando estudos a respeito de inteligência artificial, — disse a Dra. Berenbaum. — Ou seja, a criação de computadores que podem pensar por si mesmos. Parece que aquele cientista projetou robôs computadorizados que se parecem e se comportam como insetos.

— Acha que isso seria possível? — perguntou Mulder.

— Não tive oportunidade de ver eu mesma esses insetos mecânicos — respondeu a Dra. Berenbaum. — Mas na ciência tudo é possível, a menos que se apresentem provas ao contrário. Na verdade, perguntei a alguns dos meus colegas sobre esse pesquisador, e todos acharam que deveria ser uma pessoa simplesmente brilhante. Eu inclusive pensei em dar uma chegada ao seu laboratório para conversar com ele.

— Quer dizer que ele trabalha perto daqui? — perguntou Mulder, incapaz de disfarçar sua ansiedade.

— Sim, claro que sim — disse a Dra. Berenbaum.

— E como eu poderia encontrar o laboratório dele?

— Fica do outro lado da cidade — explicou ela. — Mas eu me vejo na obrigação de avisá-lo de que ouvi algumas histórias meio engraçadas a respeito desse indivíduo.

— Que tipo de história? — perguntou Mulder.

— Aparentemente o tal de Dr. Alexander Ivanov é um tanto excêntrico — explicou a Dra. Berenbaum.

— Excêntrico? — perguntou Mulder.

— Bem, na verdade, é mais do que isso, é um sujeito meio estranho — disse a Dra. Berenbaum.

— Em uma investigação como esta, isso não representa nenhuma surpresa — disse Mulder friamente.

Enquanto Mulder caminhava para a porta, levando nas mãos o mapa que Bambi havia desenhado, ia pensando até que ponto poderia chegar a estranheza daquele caso.

## Capítulo 14

Mulder estava em frente a um prédio baixo de tijolos à vista, na periferia da cidade. Uma placa na parede dizia: INSTITUTO DE ROBÓTICA DE MASSACHUSETTS.

Ele empurrou cuidadosamente a porta da frente e entrou. Tudo estava envolvido no mais completo silêncio. Caminhou por um corredor vazio, de paredes brancas, até que chegou a outra porta. Experimentou a maçaneta. A porta não estava trancada. Ele abriu e olhou para dentro.

Viu um terminal de computador dos mais modernos, viu uma mesa de laboratório, sobre a qual estava um microscópio eletrônico. Também viu uma velha mesa de trabalho,

com diversas ferramentas e um pequeno torno mecânico. E viu peças eletrônicas espalhadas por cima da mesa.

Entrando no aposento, ele se aproximou da mesa para examinar melhor os objetos que ali estavam. Quando se aproximou, percebeu um repentino movimento embaixo da mesa. Seus olhos se fixaram sobre um pequeno e brilhante robô dotado de duas antenas, que saía correndo pelo chão. Mulder começou a segui-lo, quando ouviu um barulho que vinha de trás.

Virou-se de repente. Junto à porta estava um homem em uma cadeira de rodas. O homem tinha um corpo pequeno e magro, e uma cabeça enorme e completamente calva. Seus enormes olhos castanhos brilharam como dois faróis quando olharam para Mulder, de trás dos óculos de lentes espessas e aros de metal.

— Dr. Ivanov? — perguntou Mulder.

Em algum momento de sua vida, o Dr. Ivanov devia ter perdido o uso de suas cordas vocais. Quando ele falou, suas palavras vieram de um pequeno aparelho ligado à sua garganta. Esse aparelho talvez fosse o que havia de mais atualizado em termos de tecnologia, mas o som que emitia era igual ao de um rádio dos mais baratos.

— Por que está assustando os meus robôs? — perguntou o Dr. Ivanov, empurrando a cadeira de rodas para dentro do laboratório.

— Sou o agente especial Mulder, do FBI — disse Mulder, mostrando sua carteira de identidade e sua insígnia. — Estou investigando um caso, e acho que o seu trabalho está, de certa maneira, envolvido.

— Não precisava ter entrado aqui às escondidas — disse o Dr. Ivanov, depois de examinar as credenciais de Mulder. — Sempre estou disposto a cooperar com as autoridades. E confesso que me sinto feliz em poder mostrar os resultados de meu trabalho.

— Fui informado de que o senhor está realizando pesquisas a respeito de inteligência artificial. Isso é verdade? — perguntou Mulder.

— Correto — respondeu o Dr. Ivanov. — A modéstia me impede de dizer que sou o principal pesquisador nesse campo. Mas não sei de qualquer outro cientista que se compare a mim.

— Também fui informado de que sua pesquisa compreende a criação de insetos mecânicos — disse Mulder.

— Correto — afirmou de novo o Dr. Ivanov.

— Eu poderia perguntar como essas duas atividades se interligam? — perguntou

Mulder.

— Venha, vou lhe mostrar — disse o Dr. Ivanov. Mulder foi atrás, enquanto o cientista movia rapidamente a cadeira de rodas na direção de sua mesa de trabalho. — Observe minha mais recente criação, que está quase terminada.

Com um par de pinças, ele levantou o pequenino objeto no ar.

Mulder olhou bem de perto. Era um robô em formato de inseto, feito de um metal brilhante. Quatro de suas seis pequeninas patas estavam balançando lentamente no ar.

— Logo você estará terminado, meu bichinho de estimação. E vai poder sair daqui para juntar-se a seus irmãos e irmãs — disse carinhosamente o Dr. Ivanov ao colocar o inseto metálico de costas sobre a mesa. Então ele voltou-se para Mulder e disse: — Todos os outros pesquisadores sempre tentaram produzir robôs que se parecem com seres humanos. Mas eu decidi que essa era a maneira errada de agir. O cérebro humano é complicado demais. Pensa demasiado. Com os insetos a história é diferente. Eles não pensam. Simplesmente reagem.

Mulder concordou, com um movimento da cabeça. E logo parou como uma estátua. Sobre o chão ele viu outro pequeno robô em forma de inseto. E estava caminhando em sua direção. Ele se afastou para um lado, mas o inseto simplesmente mudou de rumo para continuar caminhando na direção dele.

O Dr. Ivanov também viu o robô e sorriu. — Está vendo como funcionam bem? — disse ele a Mulder. — Eu uso insetos como meus modelos. E faço os meus insetos funcionarem de acordo com um programa de computador que é bem simples. Vá para a luz. Fuja da luz. Procure objetos móveis. Afaste-se dos objetos móveis. E eles só precisam reagir a esses reflexos condicionados, através de sensores eletrônicos, para que possam mover-se exatamente como se fossem criaturas vivas.

— Quer dizer que este inseto está programado para caminhar na direção de qualquer objeto móvel que esteja dentro do raio de alcance dos seus sensores? — perguntou Mulder, ainda tentando escapar do inseto.

— Não — disse o Dr. Ivanov.

— Então, por que ele está me seguindo desse jeito? — perguntou Mulder, movendo-se em círculos para fugir do robô.

— Ele gosta de você — disse o Dr. Ivanov.

O aparelho mecânico através do qual ele falava começou a emitir um barulho semelhante a uma risada, quando o cientista abaixou-se na cadeira de rodas e apanhou o robô do chão. Fez um ajuste no mecanismo, colocou-o de volta no chão e ficou olhando

enquanto o robô fugia correndo.

Mulder preferiu certificar-se de que o robô havia desaparecido, antes de voltar-se para o cientista.

— Quem está financiando as suas pesquisas? — perguntou Mulder.

— Tenho um contrato assinado com o governo — disse o Dr. Ivanov. — Com a NASA.

— Exploração do espaço? — perguntou Mulder. — E como é que seu trabalho está ligado a isso?

— Estou criando os mais sofisticados robôs do mundo, e a NASA deseja mandar robôs para os planetas mais distantes, e até mesmo para outras Galáxias — explicou o Dr. Ivanov. — Os robôs podem funcionar nesses lugares muito melhor do que qualquer criatura humana. De fato, na minha opinião, os seres humanos acabarão sendo deixados de lado e os robôs tomarão conta de toda a exploração espacial no futuro.

Mulder inclinou-se para a frente.

— É uma idéia muito interessante, Dr. Ivanov — disse ele. — E, pelo que estou vendo, o senhor já pensou muito no assunto.

— Pensei muito, e já trabalhei bastante com essa idéia — concordou o Dr. Ivanov. Seu corpo delgado parecia estar cheio de orgulho quando ele se colocou em posição ereta na cadeira de rodas. — Acho que o senhor pode notar que os resultados já obtidos não poderiam ser melhores. Acho que posso dizer que meu trabalho vai acabar sendo considerado como uma das principais conquistas científicas deste final do século XX.

— Confesso que estou impressionado — disse Mulder, convencido de que a modéstia não era o ponto mais forte do Dr. Ivanov.

Por outro lado, o cientista parecia realmente saber muito bem as coisas que dizia... E eram coisas que Mulder estava muito interessado em aprender. E começou a dizer:

— Apenas para efeito de raciocínio, digamos que realmente existam formas de vida extraterrestre...

— Não há dúvida alguma quanto a isso — afirmou o Dr. Ivanov. — Elas existem realmente.

— Muito bem — disse Mulder. — Então, vamos supor que esses alienígenas do espaço sejam mais cientificamente avançados do que nós. Em outras palavras, se as suas idéias a respeito da exploração do espaço estão corretas...

O Dr. Ivanov terminou o pensamento dele: — ...os exploradores vindos do

espaço que chegam à Terra provavelmente serão robôs. Qualquer pessoa que ache que a Terra vai ser invadida por criaturas vivas dotadas de olhos enormes e pele cinzenta deve ter sofrido danos cerebrais provocados pelo excesso de ficção científica.

— Dr. Ivanov, acho que o senhor pode me ajudar a resolver um pequeno problema — disse Mulder.

— Estou sempre disposto a ajudar o governo — disse o Dr. Ivanov. — E nem vou cobrar nada.

— Será que poderia me dizer o que é isto? — disse Mulder, tirando do bolso uma pequena sacola de plástico com provas colhidas em suas investigações. De dentro da sacola ele tirou o inseto morto que havia sido encontrado na armadilha para baratas.

O Dr. Ivanov olhou para o pequeno inseto.

— Não sou especialista em insetos — disse ele. — Mas parece que há uma excelente entomologista que está realizando pesquisas bem perto daqui. Acho que ela se chama Dra. Berenbaum. Ela estaria melhor equipada do que eu para...

— Doutor, estou certo de que o senhor tem os conhecimentos científicos de que preciso neste caso — disse Mulder. — Se colocar este espécime sob a lente do microscópio, vai entender o que estou dizendo.

O Dr. Ivanov encolheu os ombros e fez o que Mulder pedia.

Mulder observou enquanto ele olhava pela lente do microscópio.

O cientista ficou parado ali, na mesma posição, durante mais de um minuto. Quando afastou o olho da lente, estava piscando sem parar. E tornou a olhar pelo aparelho. Depois de um espaço de tempo ainda mais demorado, ele deixou o corpo cair para trás, no encosto da cadeira de rodas, boquiaberto e com os braços caídos, como um homem atingido por um raio.

— Dr. Ivanov, o senhor está sentindo alguma coisa? — perguntou Mulder, ansioso.

O cientista fez que não, com um lento movimento da cabeça, como se mal conseguisse se mexer.

— Doutor, o senhor conseguiu identificar o espécime? — perguntou Mulder.

O Dr. Ivanov balbuciou algumas palavras. Mas nenhum som foi transmitido pelo alto-falante. Mulder viu que a garganta do cientista já não estava encostada ao aparelho de falar.

Mulder inclinou o corpo para a frente e disse:

— Doutor, o senhor poderia tentar...

O Dr. Ivanov tornou a balançar a cabeça bem devagar. E inclinou-se para a frente, para fazer contato com o aparelho.

O som que saiu pelo alto-falante era seco e sem vida, mas Mulder conseguiu entender as palavras trêmulas:

— Este espécime... está muito além da minha compreensão.

## Capítulo 15

Dana Scully costumava dirigir com muito cuidado. Mas ao viajar para Massachusetts, ela decidiu manter-se sempre no limite máximo de velocidade permitida. Mulder precisava de ajuda.

Quanto mais Scully se aproximava de Miller's Grove, mais depressa ela queria chegar ao seu destino. A primeira coisa que ela percebeu quando atravessou a fronteira estadual de Massachusetts foi que o tráfego estava ficando mais intenso. Já era tarde da noite, mas parecia a hora de pico de trânsito. Mas isso em nada a impedia de manter a mesma velocidade. Afinal de contas, todos os automóveis, caminhões e ônibus que ela encontrava estavam indo na direção contrária, isto é, para fora do estado. O seu lado da rodovia estava quase tão vazio quanto um cemitério.

Mesmo assim, ela precisava parar. Precisava de um mapa rodoviário, e o único lugar onde poderia obtê-lo seria em uma loja de conveniência que havia logo adiante e que tinha três bombas de gasolina. Mas havia dezenas de carros enfileirados diante das bombas de combustível, seus motoristas buzonavam, furiosos.

Scully conseguiu colocar o carro em uma vaga que encontrou no lado extremo do estacionamento da loja.

Entrar na loja foi o mesmo que tentar subir a bordo de um carro lotado do metrô. Scully teve de forçar a passagem pelo meio da multidão de homens, mulheres e crianças que agarravam tudo o que havia à vista, desde bolachas até baterias para veículos. Ela precisou fazer bastante força com os cotovelos para não ser empurrada pelas pessoas que se amontoavam, para comprar tudo o que ainda havia naquela loja.

— Por favor, vocês têm algum mapa rodoviário da região? — perguntou Scully, quando finalmente conseguiu chegar perto do adolescente que atendia junto à caixa

registradora. E precisou gritar para ser ouvida no meio da enorme confusão que se formara dentro da loja.

O rapaz limitou-se a responder que sim, com um movimento da cabeça. Estava batendo no teclado da caixa registradora com a mão direita, e usando a outra mão para apanhar o dinheiro que os clientes lhe passavam. Ninguém perdia tempo esperando que suas compras fossem colocadas em sacolas.

— Poderia me dizer onde estão os mapas? — pediu Scully.

Mas a voz dela foi sufocada pelos gritos de um homem enorme como um touro, que parecia um trovão, falando com o rapaz do balcão:

— Vamos garoto! Ande depressa com isso!

— O que está acontecendo aqui? — gritou Scully, junto ao ouvido do homem.

O grandalhão atirou um pacote de cédulas na direção do rapaz do balcão, ao mesmo tempo em que se voltava para responder à pergunta de Scully.

Scully viu o suor que lhe corria pelo rosto, quando o homem disse:

— Moça, por acaso não ouviu falar das baratas? Elas estão devorando as pessoas inteiras! É melhor cair fora daqui enquanto pode!

— E o senhor por acaso viu alguma barata com seus próprios olhos? — perguntou Scully. Ela procurava manter sua voz bastante calma e fria. A última coisa que queria fazer seria colocar ainda mais lenha na fogueira do pânico que já se havia generalizado.

— Não — respondeu o homem. — Mas todo o mundo sabe... Elas estão por toda parte!

Como se suas próprias palavras o tivessem assustado ainda mais, o homem deu as costas para Scully e correu rapidamente em direção à porta. Nem sequer esperou pelo seu troco.

Uma mulher baixa e gorda, com uma voz forte e estridente, tomou o lugar dele na fila, diante do balcão. Ela derramou um monte de moedas na frente do rapaz, para pagar pelos alimentos que trazia nos dois braços.

Enquanto contava as moedas, o rapaz disse a Scully:

— Aquele cara está muito enganado. As baratas não estão atacando as pessoas coisa nenhuma!

— É bom ouvir isso — disse Scully. — Mas eu gostaria que você dissesse a mesma coisa a todas as outras pessoas, antes que elas fiquem completamente malucas.

— As baratas estão espalhando um vírus mortal! — gritou a mulher gorda. —

Todos nós vamos ficar cobertos de feridas pretas e sangrentas.

Então o rapaz balançou a cabeça, e a mulher apanhou suas compras e saiu correndo da loja.

Scully percebeu que dependia unicamente dela acalmar aquela multidão.

Virando-se nos calcanhares, ela levantou sua identidade sobre a cabeça.

— Atenção, por favor, ouçam todos, — disse ela gritando o mais que podia. — Sou a agente Dana Scully, do Bureau Federal de Investigações. Posso garantir a todos que ninguém aqui está correndo perigo algum. Tudo vai ficar perfeitamente bem, se ninguém entrar em pânico. Tudo o que precisam fazer é procurar acalmar-se e agir com bom senso. — Ela fez uma ligeira pausa, antes de voltar-se e falar com o rapaz do balcão: — Agora diga: onde diabos estão os seus mapas rodoviários?

Antes que ele pudesse responder, Scully ouviu vozes de duas pessoas que gritavam uma com a outra.

Ela olhou por um corredor entre as gôndolas da loja e viu duas mulheres cara a cara, ambas vermelhas de raiva.

— Essa lata de inseticida é minha! — gritou uma delas, tentando agarrar a lata que estava na mão da outra.

— Mas é a última... e eu peguei primeiro! — rosnou a segunda mulher.

— Trate de me dar logo essa lata de spray, ou eu amasso você! — ameaçou a primeira mulher.

— Eu vou lhe dar o spray, sim — disse a segunda mulher. E lançou um jato de spray no rosto da outra.

— Ora, sua... — gritou a primeira mulher, empurrando a outra contra uma prateleira e derrubando a mercadoria, que se espalhou pelo chão.

— Muito bem, vocês duas... — disse Scully, caminhando na direção das mulheres que lutavam.

Mas antes que pudesse chegar até onde elas estavam, um menino apontou para um monte de pequenas manchas negras que pareciam mover-se pelo chão, gritando:

— Baratas!

Scully teve de lutar para não ser derrubada na correria que se formou, com as pessoas disparando para fora da loja. Demorou menos de três minutos para que todos evacuassem o pequeno prédio. Até o rapaz do balcão abandonou seu posto.

Scully foi deixada sozinha lá dentro. Sacou de sua arma e aproximou-se das manchas que havia no chão.

Suspirou aliviada, quando percebeu o que eram aquelas manchas negras. Raspas de chocolate. Haviām escapado de uma caixa amassada durante a briga das duas mulheres.

Scully tornou a guardar sua arma e apanhou a caixa do chão. E colocou na boca uma das barras de chocolate ainda intactas. Fazia diversas horas que não comia coisa alguma... e desconfiava que quando chegasse a Miller's Grove, iria precisar de toda energia com que pudesse contar.

## Capítulo 16

Mulder parou e ficou olhando para o pequeno robô, que o havia seguido desde o laboratório do Dr. Ivanov. Mas o robô passou correndo por ele, como se estivesse fugindo de alguma coisa.

Mulder olhou para trás e viu uma barata. Antes que o inseto pudesse fugir, Mulder abaixou-se e o apanhou na mão.

— Saudações do Planeta Terra — disse ele, segurando a barata entre o polegar e o dedo indicador, enquanto o inseto balançava desesperadamente as patas.

Ele olhou para o bichinho. Era uma maravilhosa obra de engenharia, perfeita nos mínimos detalhes. Ele estava satisfeito pelo fato de o Dr. Ivanov não estar ali para ver aquilo. A inveja o fazia morrer de raiva.

Quando chegou ao laboratório da Dra. Berenbaum, Mulder disse:

— Este é o melhor espécime já encontrado. Apenas uma civilização dotada da mais avançada tecnologia seria capaz de produzir um objeto assim. Olhando sem saber, qualquer pessoa pensaria tratar-se apenas de uma grande e simples barata caseira.

A Dra. Berenbaum ergueu a cabeça, depois de examinar o inseto com uma lente de aumento.

— Na verdade, esta é mesmo uma grande e simples barata caseira — disse ela.

— Mas o que estava ela fazendo no laboratório do Dr. Ivanov? — perguntou Mulder.

— Fazendo o que toda barata comum faz — disse a Dra. Berenbaum. — Procurando comida. Buscando calor. Preparando-se para depositar algumas centenas de ovos. Ou, talvez, apenas dando um passeio. As baratas podem aparecer em qualquer

lugar, e em toda parte. Além disso, são muito comuns nesta região e nesta época do ano. Esta foi inclusive uma das razões pelas quais vim fazer minhas pesquisas aqui. De repente ouviu-se o barulho de uma campainha.

A Dra. Berenbaum caminhou na direção de seu telefone. Mas Mulder já havia tirado seu celular do bolso.

— É Mulder — disse ele no microfone do aparelho.

— Mulder — disse a voz de Scully. — Esta cidade está maluca.

— Onde você está? — perguntou ele.

— Estou sentada no carro, no estacionamento de uma loja de conveniência que foi evacuada de repente, porque as pessoas ficaram com medo de uma invasão de baratas que elas nem sequer viram — disse ela. — E essas pessoas não sabem se vão ser comidas vivas ou se vão ser submetidas a uma morte horrível e lenta. Na verdade, este é um caso típico de histeria em massa.

— Talvez elas não estejam completamente loucas — disse Mulder. — Realmente parece que há alguma coisa estranha acontecendo por aqui. Na verdade, se alguém está ficando louco, acho que sou eu. Se eu encontrar mais algum beco sem saída, vou ficar pirado.

— Pois eu tenho uma pista bastante promissora para você — disse Scully. — Eu pretendia esperar até encontrá-lo para lhe fornecer todos os detalhes, mas parece que você está precisando de boas notícias.

— O que foi? — perguntou Mulder.

— Você me disse que conheceu um tal de Dr. Eckerle, não foi? — perguntou Scully.

— Isso mesmo — respondeu Mulder. — Ele foi testemunha da morte do exterminador de insetos. E recentemente presenciou outra dessas mortes suspeitas.

— Por acaso é ele que está envolvido nas pesquisas em busca de um combustível alternativo? — perguntou Mulder.

— Ele mesmo — respondeu Mulder. — Por quê?

— Então ele deve ser o Dr. Eckerle que encontrei no banco de dados do computador — disse Scully. — O combustível que ele está pesquisando é o gás metano. E uma das principais fontes de produção do metano são os dejetos de animais.

— Dejetos de animais? — perguntou Mulder, torcendo o nariz.

— Eckerle tem uma licença para importação de amostras de esterco de outros países... certamente com a finalidade de descobrir qual o animal que produz a variedade

mais rica — disse Scully.

— Deve ser uma pesquisa fascinante — disse Mulder. — Mas, o que tem isso a ver com minha investigação?

— Acho que você pode confirmar com a Dra. Bambi, mas eu desconfio que as baratas se alimentam de dejetos de animais, e possivelmente também se reproduzam no esterco. Sendo assim, é provável que algumas exóticas espécies estrangeiras de baratas tenham chegado com as amostras de esterco. O laboratório de pesquisas do Dr. Eckerle pode ter sido o ponto de impacto onde ocorreu a explosão populacional das estranhas baratas.

Mulder parou um instante para assimilar melhor aquelas informações. Depois, disse:

— Scully, imagine se uma civilização alienígena fosse suficientemente adiantada para construir e mandar robôs dotados de inteligência artificial para explorar a Terra...

Ele fez uma pausa suficientemente longa para Scully dizer:

— Pois bem, Mulder. Estou imaginando. Continue.

— Então, você não acha que eles poderiam projetar os seus robôs de maneira a serem movidos por meio de gás metano, já que seria um combustível comum em um planeta com tantas criaturas que produzem dejetos orgânicos?

— Mulder — disse Scully.

— O quê? — perguntou Mulder.

— Acho que você já ficou demais nesta cidade — disse Scully.

— Diga-me, por acaso o seu banco de dados informou onde fica o laboratório de pesquisas do Dr. Eckerle? — perguntou Mulder.

## Capítulo 17

Mulder parou o carro em frente a um grande edifício industrial. Ao lado do prédio, e ligados à construção por meio de um complexo sistema de encanamentos, haviam sido instalados grandes tanques de armazenamento. As instalações lembravam algo que poderia ser descrito como uma mistura de refinaria de petróleo com uma fábrica de computadores.

Os faróis do carro iluminaram uma placa instalada na porta principal do prédio,

com grandes letras que diziam: ALT-FUELS, INC. Em letras menores, logo abaixo, estava o slogan da empresa: OS RESTOS NUNCA DEVEM SER DESPERDIÇADOS.

— Bambi, é melhor você ficar aqui até que eu tenha certeza de que não corremos riscos — disse Mulder.

— Tenha cuidado — avisou a Dra. Berenbaum. — Ainda não sabemos com certeza se essas baratas seriam capazes de nos atacar... e nem mesmo sabemos se são mesmo baratas.

— Na verdade não é com as baratas que eu estou preocupado — disse Mulder. — É com o elemento humano.

Com todo o cuidado para não respirar pelo nariz, Mulder deixou a Dra. Berenbaum esperando no carro.

Ele foi até a porta da frente do prédio e experimentou a maçaneta. A porta abriu praticamente sozinha.

De lanterna na mão, ele seguiu por um corredor em que havia portas dos dois lados.

Abriu a primeira porta que encontrou e iluminou o aposento com a lanterna. Viu um enorme monte de esterco de animal bem no centro da sala. Ao lado do monte de esterco havia uma mesa com um computador. Sobre a montanha de matéria orgânica estavam centenas de baratas, subindo e descendo, como crianças brincando de escorregar.

Isto deve ser uma espécie de paraíso das baratas, pensou Mulder, fechando rapidamente a porta. E dirigiu-se à segunda porta do corredor, que também abriu. Mais esterco. Outro computador. E mais baratas.

— Deve haver uma alternativa para esta pesquisa de combustíveis alternativos — resmungou ele consigo mesmo, ao abrir a terceira porta, atrás da qual encontrou uma repetição de tudo o que vira antes.

Finalmente, ao abrir mais uma porta, ele encontrou algo que valia a pena ser investigado. Colocando a lanterna no bolso, entrou em um laboratório enorme, intensamente iluminado. Havia várias fileiras de mesas cobertas de equipamentos científicos. Junto às paredes, havia grandes tanques de armazenamento de gás, com placas de advertência que diziam: GÁS METANO. CUIDADO: ALTAMENTE INFLAMÁVEL

Mulder examinou algumas caixas lacradas que estavam sobre uma das mesas.

Não abriu nenhuma das caixas. Ao invés disso, decidiu examinar as pastas cheias de documentos que havia ao lado das caixas. Nas pastas ele encontrou diversas

séries de números, que para ele nada significavam.

Dirigindo-se a outra mesa, viu uma caixa que já estava aberta. Seu conteúdo ressecado estava amontoado ao lado. E sobre o monte estava parada uma barata, olhando para Mulder com um ar de desafio.

Mulder nunca havia imaginado que uma barata poderia ser tão grande. Na verdade, era tão grande que fazia parecer uma anã, aquela que ele havia apanhado antes. Ele estendeu a mão na direção do enorme inseto, mas não conseguiu tocá-lo.

Uma explosão ensurdecadora o fez se congelar na posição em que estava.

A barata voou pelo ar, enquanto o monte de esterco explodia e se transformava em uma nuvem de fragmentos. Quando essa nuvem se derramou sobre ele, Mulder mergulhou na direção do piso.

De uma coisa ele sabia com toda certeza.

Baratas não puxam gatilhos.

## Capítulo 18

Scully pisou com força no pedal do freio e o carro parou cantando pneus. Ela já havia queimado os pneus para chegar depressa ao laboratório de pesquisa. Agora estava saindo do carro para investigar o outro veículo que já estava parado ali.

— Credo! — disse ela fazendo careta, quando farejou o ar. Mas o fedor não foi suficiente para que ela diminuísse a marcha em direção ao outro carro ali estacionado.

Ela olhou para dentro do veículo. Uma mulher bastante atraente que estava sentada no banco da frente olhou para ela.

Então a mulher baixou o vidro da janela. Antes que a mulher abrisse a boca, Scully disse:

— Deixe-me adivinhar: você deve ser Bambi.

— Fox me disse para ficar esperando aqui, enquanto ele ia investigar lá dentro — respondeu a Dra. Berenbaum.

De dentro do prédio ouviu-se o estrondo de um tiro. Scully e a Dra. Berenbaum trocaram olhares.

— Quer que eu vá até lá dentro com você? — perguntou a Dra. Berenbaum.

— Não — respondeu Scully, enquanto sacava de sua arma. — Isto aqui não é lugar para uma entomologista.

De arma em punho, Scully correu para dentro do edifício, esperando não estar demasiadamente atrasada.

Dentro do laboratório, Mulder caiu ao chão, rolou rapidamente o corpo para um lado e parou embaixo de uma das mesas, que havia escolhido como abrigo.

Sacando sua arma, ele procurou espiar com todo o cuidado.

Viu que estava meio aberta, a porta de um escritório que havia em uma das extremidades do laboratório. A placa colocada na porta dizia: DR. JEFF ECKERLE, PRESIDENTE E CHEFE DA PESQUISA CIENTÍFICA

E, junto à porta, estava o próprio Dr. Eckerle.

Na mão do Dr. Eckerle havia uma arma, soltando fumaça pelo cano. Mas não era isso que preocupava Mulder, e sim a expressão que o Dr. Eckerle mostrava nos olhos. Aqueles olhos eram tão brilhantes como o pavio aceso de um bastão de dinamite.

Foi então que Mulder notou o que havia na outra mão do Dr. Eckerle.

Uma lata de inseticida em spray.

De repente, o Dr. Eckerle virou-se. Apontou o bico do spray para dentro de seu escritório e apertou o botão.

Não saiu coisa alguma. A lata estava vazia.

— Morra maldita! Por que não morre? — gritou ele, atirando a lata com toda força contra alguma coisa que estava na sala.

Então levantou o cano da arma e disparou nessa mesma direção.

— Errei de novo! — resmungou ele.

Mulder se aproveitou da oportunidade para sair de baixo da mesa, de arma em punho.

— Dr. Eckerle — disse ele, com uma voz calma e tranquilizante.

O Dr. Eckerle voltou-se para ficar de frente para ele. A luz de demência que brilhava nos seus olhos estava ainda mais intensa.

— Elas estão atrás de mim! — exclamou ele. — Primeiro foi na minha casa e depois no hotel. Vim aqui para o escritório para me livrar delas. Mas estão me seguindo por toda parte. São esses malditos bichos... Há bichos por toda parte...

Mulder procurou aproximar-se com todo o cuidado. Seu olhar concentrava-se em duas coisas alternadamente: na loucura estampada no olhar do Dr. Eckerle e na arma que

estava na mão dele. Era uma arma de pequeno calibre. Mas podia causar grandes estragos.

— Dr. Eckerle — disse Mulder. — O senhor não corre perigo algum. Esses insetos não lhe farão nenhum mal.

— Hoh! — exclamou o Dr. Eckerle rindo sem controle. — Eu já os vi matarem dois homens!

— As baratas não foram responsáveis por aquelas mortes — disse Mulder. — Mas podem causar a nossa morte... se o senhor continuar disparando essa arma em um lugar cheio de gás metano.

— Será que não compreende? — perguntou o Dr. Eckerle. E o tom de sua voz cresceu como o som de uma sirene. — Os insetos me deixam maluco!

Mulder conseguia comprovar facilmente o que ele estava dizendo. Mas seria muito difícil encontrar um modo de fazer aquele enlouquecido cientista tirar o dedo do gatilho.

— Por que é que as baratas estão fazendo esse barulho estranho? — perguntou o Dr. Eckerle, lançando um olhar selvagem ao seu redor, procurando por um ruído que só ele conseguia ouvir.

— Em Madagascar existem baratas que podem fazer um barulho sibilante, soprando o ar através de buracos que têm na cabeça — sugeriu Mulder.

— Verdade mesmo? — disse o Dr. Eckerle, com uma fagulha de interesse científico misturando-se à sua loucura. Ele baixou um pouco o cano da arma e perguntou: — Como é que o senhor sabe tanto a respeito delas?

— Na verdade eu não sei — respondeu Mulder. — Por isso é que não devemos matar as pequenas criaturas. Devemos tratar de capturá-las para podermos estudá-las. Agora, por favor, abaixe sua arma.

— Diga-me uma coisa — implorou o Dr. Eckerle.

— Pode perguntar — prometeu Mulder.

— Será que eu perdi minha sanidade mental? — perguntou o Dr. Eckerle.

— Claro que não — garantiu Mulder, — Acho que só trabalhou demais a semana inteira. Naturalmente, está um pouco mais cansado do que o normal. E sua visão da realidade pode estar... bem, um pouco confusa.

— Minha visão? Confusa? — perguntou o Dr. Eckerle, com as sobrancelhas cerradas.

Um pensamento repentino iluminou a expressão de seu rosto, como se fosse um

relâmpago. Seus olhos quase se fecharam, e ele levantou a arma para Mulder.

— Se eu não consigo enxergar direito, então como é que posso ter certeza de que você não é uma barata? — perguntou ele.

— Dr. Eckerle — respondeu rapidamente Mulder. — Posso lhe garantir que sou tão humano como o senhor.

Mulder mal havia acabado de dizer a frase quando o telefone celular que estava em seu bolso tocou.

— Eu consigo até ouvir o seu grito estridente! — gritou o Dr. Eckerle. — Você é uma delas!

Depois do quarto toque, Scully desistiu de tentar entrar em contato com Mulder por telefone. Ela tornou a colocar o celular no bolso e olhou pelo corredor vazio. E tentou adivinhar qual das portas deveria tentar abrir em seguida.

Achou que aquilo tudo se parecia com um sonho mau, em que ela abria uma porta depois da outra e encontrava em cada uma das salas apenas aqueles montes de esterco cobertos de enxames de baratas.

Então ela ouviu os tiros. E enquanto corria na direção de onde tinham vindo os disparos, tinha a impressão de que o sonho mau estava se transformando em um verdadeiro pesadelo.

No laboratório, Mulder saltou desesperadamente para um lado e sentiu o deslocamento de ar que a bala fez, ao passar perto de sua orelha.

Paaa! E ele viu um buraco aparecer na lateral de um dos tanques de metal. Um verdadeiro jato de gás metano liquefeito jorrou no ar.

— Dr. Eckerle! — gritou Mulder. — Acalme-se! Por favor, pare e pense...

Mas o Dr. Eckerle não estava parando nem pensando. Na verdade, nem estava enxergando direito.

Com os olhos arregalados pela loucura e o ódio, ele estava atirando a esmo.

Bang! Outra bala atingiu um dos tanques. E mais gás metano espalhou-se pelo ar.

Bang! E outro jato de gás.

Mulder olhou para o Dr. Eckerle, quando o cientista levantava sua arma de novo. Mulder havia decidido deixar de lado os apelos que vinha fazendo ao bom senso do homem. A única coisa que faria o Dr. Eckerle seria uma bala da arma de Mulder.

Mas atirar em um homem tão perturbado como aquele não era uma coisa do agrado de Mulder.

No entanto, a morte tampouco era do seu agrado.

— Foi um prazer conversar com o senhor, Dr. Eckerie! — gritou Mulder por cima do ombro, ao disparar correndo na direção da porta do laboratório.

Ele abriu a porta e correu... direto ao encontro de Scully. Os dois levantaram do chão e se entreolharam.

— Mulder, o que você está...? — começou a dizer Scully.

— Não tenho tempo para explicar! — disse Mulder agarrando-a pelo braço e puxando-a em direção à porta de saída.

— Scully, temos de cair fora daqui imediatamente! Este lugar vai explodir!

## Capítulo 19

Lado a lado, Mulder e Scully dispararam de volta pelo corredor e passaram como dois foguetes pela porta. Do lado de fora, Scully diminuiu a marcha. Mas Mulder continuou correndo a todo fôlego. Ele foi direto para o carro onde estava sentada a Dra. Berenbaum.

— Bambi, abaixe-se! — gritou ele. Então ele se deitou no chão e cobriu a cabeça com as mãos.

A Dra. Berenbaum abaixou-se junto ao piso do carro, ao mesmo tempo em que, lá fora, Scully se agarrava ao chão, ao lado de Mulder.

Bang! Bang! Bang! Bang! Bang! Bang! Bang! Bang! Uma série de explosões em cadeia, lembrando fogos de artifício, obrigou os três a continuarem se protegendo. As explosões continuaram se sucedendo. Era como se todos os feriados nacionais tivessem sido reunidos em um só.

Labaredas alaranjadas, vermelhas e amarelas lamberam o ar quando as janelas explodiram em milhares de pedaços e o teto se dividiu em várias partes para subir pelos ares, com as vigas de metal curvadas em todos os sentidos e as paredes de tijolos tombando no meio da fumaça.

Então, finalmente, o silêncio voltou a reinar.

Mulder sentiu alguma coisa caindo sobre sua cabeça, seu pescoço e suas mãos, enquanto permanecia de rosto encostado junto ao chão. Era como se um enxame de pequenos insetos tivesse despencado sobre ele.

Scully sentiu a mesma coisa.

Ambos tiveram o mesmo horrível pensamento.

Então eles se levantaram e olharam um para outro. Descobriram que a coisa que caíra por cima deles não estava viva. E tinha um cheiro horrível.

Tudo o que havia dentro do prédio tinha explodido e voado pelos ares, acabando por flutuar de novo para a terra.

Mulder tornou a cheirar, fez uma careta de desgosto e anunciou:

— Esterco de cavalo.

— Não sei se é de cavalo, mas com certeza é esterco — disse Scully, tentando limpar a roupa. Depois de alguns instantes, ela desistiu e disse: — Acho que um bom banho nos livrará disso. Só não sei como vamos explicar uma coisa dessas ao homem da lavanderia.

Enquanto isso, Mulder estava olhando para as ruínas do laboratório de pesquisas. Ainda havia alguns pequenos focos de incêndio iluminando o cenário. Do lado do oriente já era possível ver os primeiros clarões da aurora que se desenhavam nas nuvens do céu.

Mulder pensou em todas as baratas que, com certeza, tinham ido pelos ares. E toda a sua investigação tinha virado fumaça.

Foi então que sentiu uma mão que tocava em seu ombro.

— Sinto muito — disse a Dra. Berenbaum. — Sei como está se sentindo.

Então ela torceu o nariz e afastou-se dele alguns passos. Antes que Mulder pudesse dizer alguma coisa, o som de uma sirene da polícia cortou o silêncio da madrugada. Os três se voltaram e viram o carro de patrulha que se aproximava. O carro parou, e dele desceu o xerife Frass.

Ele fez uma pausa e olhou para o edifício em chamas.

— Há algum ferido? — perguntou ele a Mulder.

— O Dr. Eckerle estava lá dentro — respondeu Mulder. — Não sei se ele conseguiu sair.

— Pelo jeito que o lugar ficou, duvido que possamos encontrar os restos dele — disse o xerife.

— Nem qualquer outra coisa — emendou Mulder. — O gás metano produz uma chama extremamente: quente.

— Apesar de tudo, não foi um incêndio tão custoso como alguns daqueles que ocorreram ontem à noite — disse o xerife.

— Então houve outros incêndios? — perguntou Scully, decidida a entrar na conversa dos dois homens.

O xerife lançou um olhar de curiosidade em direção a ela.

— Esta é minha parceira, a agente especial Dana Scully, — disse Mulder. — Scully, este é o xerife Frass. Ele está investigando este caso desde o início.

O xerife balançou a cabeça devagar, em sinal de cansaço.

— Ontem à noite registramos quatro incêndios; dezoito acidentes de automóvel; treze casos de brigas em público; duas tentativas de saques contra lojas e nada menos do que trinta e seis pessoas feridas, a metade delas por envenenamento com pesticida.

— Pelo jeito foi uma noite bastante difícil — disse Scully.

— Graças a Deus parece que tudo acabou — disse o xerife, enquanto a curva alaranjada do sol começava a se erguer no horizonte. Acima do sol o céu tinha uma tonalidade pálida de azul. — Já faz umas duas horas que não temos nenhuma queixa da presença de baratas ou qualquer outra coisa. Talvez esta cidade tenha voltado à razão. Agora eu acho que vocês, agentes federais, devem voltar para casa e descansar um pouco. Os dois estão com péssima aparência e um cheiro horrível.

— Não precisava nos elogiar tanto assim, xerife — disse Scully, tentando limpar a sujeira da roupa.

Enquanto isso, Mulder havia se voltado para a Dra. Berenbaum, que insistia em ficar a uma saudável distância dele.

— Talvez possamos tomar o café da manhã juntos e discutir determinados aspectos do caso — sugeriu ele. — Depois que eu tomar um bom banho e trocar de roupa, naturalmente.

Antes que ela pudesse responder, ouviu-se o barulho de outro carro que se aproximava.

Os quatro se viraram, ao mesmo tempo, para ver o furgão que chegava. O veículo parou, a porta lateral se abriu e ouviu-se o ruído metálico de uma rampa descendo. E o Dr. Ivanov desceu do furgão, em sua cadeira de rodas motorizada.

— Agente Mulder, fui informado de que poderia encontrá-lo aqui. Aquele espécime de barata que o senhor me mostrou antes, será que poderia examiná-lo de novo?

Mulder enfiou a mão no bolso. Tirou dali uma pequena sacola de plástico e a abriu.

Seus ombros afundaram.

— O espécime foi completamente destruído — informou ele. — Restaram apenas alguns fragmentos de metal, todos mais ou menos do tamanho da casca de barata que eu

encontrei antes. No entanto, se o senhor ainda quiser examinar...

A Dra. Berenbaum aproximou-se para olhar por cima dos ombros do Dr. Ivanov, enquanto o cientista mexia nos minúsculos fragmentos de metal. Os olhos dela brilhavam de interesse.

— Sabe, muitos insetos só desenvolvem suas asas no momento em que estão prontos para abandonar sua casca — disse ela. — Estes insetos, ou seja lá o nome que lhes demos, talvez estivessem preparando-se para ir embora, voando, de volta para o lugar de onde vieram, seja lá onde for.

— Isso resolve todo o mistério — disse Scully, em um leve tom de sarcasmo.

— Eu poderia tomar este espécime emprestado, agente Mulder? — perguntou o Dr. Ivanov. — Gostaria de estudá-lo mais detalhadamente.

— Já mandei analisar alguns fragmentos semelhantes — disse Mulder. — Os técnicos do laboratório descobriram que são apenas metais comuns. O que o senhor espera encontrar, doutor?

O Dr. Ivanov estava entretido demais com os restos da barata metálica, para poder responder. Ele olhava para os fragmentos com enorme interesse.

A Dra. Berenbaum, que estava olhando para o Dr. Ivanov com um tipo diferente de intenso interesse, respondeu por ele:

— Seu destino.

O Dr. Ivanov levantou os olhos dos fragmentos de metal e olhou para a Dra. Berenbaum com um interesse semelhante ao dela.

— Não foi isso que o Dr. Zaius disse a Zira, no final de O Planeta dos Macacos? — perguntou ele a ela.

— É um dos meus filmes prediletos — disse a Dra. Berenbaum.

— O meu também — disse o Dr. Ivanov, cuja voz saía cheia de entusiasmo através de seu aparelho. — Eu adoro ficção científica.

Eles trocaram sorrisos e seus olhares se encontraram.

— Sempre achei que O Planeta dos Macacos era um filme que merecia estudos mais detalhados — disse o Dr. Ivanov. — Talvez possamos encontrar um lugar tranquilo, para discutirmos o assunto mais profundamente.

— Eu gostaria muito de fazer isso — disse a Dra. Berenbaum, com um sorriso e uma voz cálida. — Além do mais, confesso que me sinto fascinada pelo seu trabalho. Já pensou em programar os seus robôs para agirem como insetos sociais, como as formigas ou as abelhas?

— Para dizer a verdade, pensei — disse o Dr. Ivanov, ao afastar-se em sua cadeira de rodas, com a Dra. Berenbaum ao seu lado.

A última coisa que Mulder conseguiu ouvir da conversa dos dois foi o que a Dra. Berenbaum disse:

— Por que não me chama de Bambi?

— Formam um par e tanto — disse o xerife, olhando para os dois que se afastavam.

— Sem dúvida foi um encontro tramado no paraíso — observou Scully. Ao observar a expressão do rosto de seu parceiro, ela disse: — Não considere isso como rejeição, Mulder. Considere como uma vitória da humanidade. Quando houver outra invasão de robôs alienígenas artificialmente inteligentes, que se alimentam de detritos orgânicos, talvez os netos deles já tenham conseguido desenvolver um modo de salvar nosso planeta.

— Scully — disse Mulder — nunca pensei que chegaria a ponto de lhe dizer isso, mas você está cheirando mal.

## Capítulo 20

Na verdade, foi melhor que tudo acabasse assim, pensou Mulder. Scully tinha razão. Bambi... ou melhor, a Dra. Berenbaum, seria muito feliz com o Dr. Ivanov. E ele, Mulder, estava bem melhor vivendo sozinho. Continuaria tendo liberdade para sentar-se em seu apartamento, como estava fazendo agora, e para trabalhar naquilo de que mais gostava: preencher novos espaços em branco nos Arquivos X.

Não importava se ele fazia isso às três horas da madrugada. Não havia ninguém ali além dele, para queixar-se da falta de sono.

E não importava se ele estava mastigando uma semente de girassol depois da outra. Não havia ninguém ali além dele... e talvez a faxineira... para queixar-se das cascas que ele derrubava.

Com as sementes de girassol quebrando entre seus dentes, Mulder digitou em seu computador: “O desenvolvimento de nosso cérebro foi sem dúvida o maior passo dado para a frente, na evolução de nossa espécie. Grande coisa. Embora possamos nos orgulhar de nossa capacidade de pensar, essa capacidade acaba sendo facilmente e

quase sempre vencida pelos nossos instintos animais, os mesmos que nos ensinam a reagir, a não refletir, a atacar, a não analisar".

Mulder deu outra mordida no pãozinho torrado e fez uma pausa para raciocinar. Então continuou digitando: 'Talvez já tenhamos chegado ao nosso limite. Talvez o próximo passo na direção do progresso tenha de ser dado por seres que nós criamos. Talvez essas criaturas artificiais...

Biip! fez o computador.

— Diabo! — disse Mulder. Ele tentou mover o cursor, mas estava congelado. Ele bateu em algumas teclas, mas o computador ainda não reagiu.

Com uma expressão de ódio, Mulder levantou-se e, curvando o corpo para a frente, deu uma forte pancada na lateral do monitor de vídeo. A tela piscou por alguns instantes e voltou a se acender.

Ele suspirou aliviado quando viu aparecerem de novo, na tela, as palavras que havia acabado de digitar. E voltou ao trabalho, digitando com maior rapidez agora: "As formas de vida que nós projetamos e criamos não serão governadas por meros instintos de sobrevivência. Talvez elas não sejam simples robôs mecânicos, mas poderão ser criaturas que conseguirão pensar e ter sentimentos, sendo superiores a nós de todas as maneiras. Talvez esse passo à frente já tenha sido dado em algum outro planeta. Se essas avançadas formas de vida jamais nos visitarem, por acaso seremos capazes de reconhecê-las? E por acaso elas ficarão aterrorizadas ao encontrarem criaturas primitivas como nós?

Biip!

— Que diabo...?! — exclamou Mulder, olhando ferozmente para a tela congelada. — Eu sabia que não deveria ter comprado este novo programa. Estão todos cheios de vírus e...

Ele parou quando percebeu, com o canto do olho, um movimento repentino. Virou-se para olhar e viu um grande inseto que se movia rapidamente atravessando sua mesa.

Ele chegou a sentir calafrios quando o inseto caminhou direto para o pãozinho com sementes de girassol.

Mulder agarrou o primeiro objeto em que sua mão pousou: uma pesada pasta de papéis.

Levantou a pasta no ar.

O inseto ergueu os olhos de cima do pãozinho... e os dirigiu para os olhos de

Mulder.

Mulder devolveu-lhe o olhar. Nesse momento ele pensou no vasto espaço de tempo em que aquela criatura e seus ancestrais haviam habitado o nosso planeta.

Como poderia ele pensar em destruir aquela criatura, um dos maiores triunfos da natureza?

Lentamente ele começou a baixar a pasta de papéis.

Mas os insetos não conseguiram sobreviver durante bilhões e bilhões de anos na Terra, agindo de maneira descuidada.

Até o mais insignificante dos movimentos era o bastante para que a criatura se colocasse em alerta. E o bichinho saiu correndo por cima da mesa em busca da segurança, atrás do computador.

Vuuup! A pasta desceu com toda a força.

— Peguei! — disse Mulder.